



RISHIKAS & VAISHNAVIS

MULHERES COMO GURUS



*tasmād gurum prapadyeta
jijñāsuḥ śreya uttamam
yei kṛṣṇa-tattva-vettā, sei 'guru' haya*

Compilado por
PRANADA DEVI DASİ

Tradução para o português
Nubia Alves (Nitya Kishor dasi)

nubiaalves.ai@gmail.com

Edição em português • 2026

RISHIKAS & VAISHNAVIS

Mulheres como Gurus

Compilado por Pranada devi dasi

Tradução para o português: Nubia Alves (Nitya Kishor dasi)

E-mail: nubiaalves.ai@gmail.com
Edição em português • 2026

Outros livros de Pranada Dasi

Amor Sábio: Bhakti e a Busca da Alma da Consciência
<https://www.pranadacomtois.com/wise-love/> Também disponível em inglês.

Bhakti Shakti: Deusa do Amor Divino
<https://www.pranadacomtois.com/bhakti-shakti/> Também disponível em inglês e italiano.

Prema Kirtan: Jornada ao Som Sagrado
<https://www.pranadacomtois.com/prema-kirtan/> Também disponível em inglês.

O Eu Interior Amoroso: Como Encontrar Nosso Potencial Mais Elevado <https://tinyurl.com/3vcz5r46> (PDF)

Quando a Doença nos Domina: Palavras de Esperança para Sadhakas (em coautoria com Arcana Siddhi devi dasi)
<https://tinyurl.com/bdhjhvws> (PDF) <https://tinyurl.com/mscub8c> (versão impressa)

Outras compilações de Pranada Dasi

O Surgimento das Vozes das Mulheres na ISKCON
<https://tinyurl.com/2ysb4fnu>

Podcast Explorando Bhakti no YouTube

<https://tinyurl.com/3whxevsu>

Copyright © Pranada L. Comtois Todos os direitos reservados
www.pranadacomtois.com ISBN 979-8-9968366-0-4

Edição em português: tradução de Nubia Alves (Nitya Kishor dasi), 2026. A tradução preserva a estrutura, as referências e o posicionamento da edição em espanhol fornecida para este trabalho.

Sumário

- Evidências de mulheres gurus no período védico - Mulheres no Bhagavatam receberam diksha e deram diksha
- Gargi Vachaknavi - Maitreyi - Vak Ambhrini - Sulabha - Ghosha - Lopamudra - Apala Atreyi - Vishvavara - Ratri - Surya
- Srimati Kunti Devi - Srimati Devahuti Devi - Srimati Draupadi Devi - Srimati Gandhari Devi - Srimati Vindyaivali
- Introdução
- Capítulo Um — As mulheres podem estudar os Vedas e receber o Gayatri
- Capítulo Dois — Rishikas: Videntes femininas na tradição vedântica
- Capítulo Três — Da literatura épica e purânica
- Capítulo Quatro — Vaishnavis na era de Mahaprabhu
- Capítulo Cinco — Linhas de transmissão Gaudiya
- Capítulo Seis — Santas Vaishnavis na era moderna

Introdução

Dentro da Sociedade Internacional para a Consciência de Krishna (ISKCON), fundada por Srila A. C. Bhaktivedanta Swami (Srila Prabhupada), existe há vinte e sete anos um debate sobre se as Vaishnavis podem conceder diksha.

A Comissão do Corpo Governante (GBC) da ISKCON, depois de solicitar a estudiosos da própria ISKCON que examinassem o assunto, votou duas vezes a favor de permitir que Vaishnavis concedessem iniciação dentro da instituição. Contudo, devido às ameaças de alguns líderes na Índia, que declararam que se separariam da ISKCON caso as Vaishnavis fossem autorizadas a oferecer diksha, o GBC impôs uma moratória à iniciação por Vaishnavis em 2023 e novamente em fevereiro de 2026.

Nota 1. Recentemente, dois devotos me disseram que a cultura de desrespeito às mulheres existente na ISKCON não é encontrada no sangha de Satyanarayana dasa Babaji nem no de Srila Bhaktivedanta Narayana Maharaja, dois sanghas proeminentes do vaishnavismo Gaudiya contemporâneo, enraizados no shastra e que permitem gurus Vaishnavis. Isso me leva a questionar a base do argumento institucional da ISKCON.

Nota 2. Apresentei detalhes da situação neste vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=xuwl-rUKeSA> e algumas informações sobre a origem da objeção aqui: https://www.youtube.com/watch?v=BnUL1n_aetQ

Durante os anos em que esse debate institucional se prolongou, a maioria dos devotos não teve acesso a informações históricas sobre gurus Vaishnavis na linha de Srila Bhaktivinoda Thakura e em outras parivaras ou ramos do vaishnavismo Gaudiya. De fato, ouvi muitos devotos dizerem que Jahnava Thakurani, esposa de Nityananda Mahajana, seria o único exemplo de uma mulher guru no vaishnavismo Gaudiya.

Ofereço este livro à comunidade vaishnava Gaudiya em geral, e não apenas à ISKCON, com a intenção de que as gurus Vaishnavis não sejam apagadas de nossa história Gaudiya. Embora eu apresente algumas afirmações shástricas sobre as mulheres e o guru-tattva, o objetivo principal deste livro é reconhecer, recordar e prestar homenagem a essas santas.

Neste livro não utilizo diacríticos, exceto ao citar versos. Por isso, você encontrará tanto termos sânscritos com diacríticos quanto formas romanizadas.

Dirijo a atenção às mulheres que atuaram como shiksha-gurus e diksha-gurus no período védico, na época de Sri Chaitanya Mahaprabhu e na era moderna. Como veremos, as mulheres atuaram como gurus em todos esses períodos.

Começamos recordando as qualificações de um guru, para que possamos apreciar as qualificações das Vaishnavis sobre as quais ouviremos. Observe que os versos fundamentais que possuímos não especificam nada sobre o tipo de corpo de um guru. Eles tratam da consciência e das qualificações do guru.

tasmād gurum prapadyeta

jijñāsuḥ śreya uttamam

śābde pare ca niṣṇātām

brahmaṇy upaśamāśrayam

“Portanto, toda pessoa que deseje seriamente a verdadeira felicidade deve procurar um mestre espiritual genuíno e refugiar-se nele por meio da iniciação. A qualificação do guru genuíno é ter compreendido as conclusões das escrituras por meio da reflexão e ser capaz de convencer outros dessas conclusões. Deve-se compreender que essas grandes personalidades, que se refugiaram na Divindade Suprema e deixaram de lado todas as considerações materiais, são mestres espirituais genuínos.” — Srimad Bhagavatam 11.3.21

Nota 3. A expressão inglesa “take shelter of him” (“refugiar-se nele”) é uma escolha do tradutor, não a tradução de um pronome sânscrito explícito no

verso. Não existe aqui equivalente sânscrito para “ele”. O verso simplesmente afirma que “deve-se aproximar de um guru” que possua essas qualificações. O mesmo se aplica ao verso seguinte citado.

kibā vipra, kibā nyāsī, śūdra kene naya

yei kṛṣṇa-tattva-vettā, sei ‘guru’ haya

“Seja um brahmana, um sannyasi ou um shudra — não importa o que seja —, ele pode tornar-se mestre espiritual se conhecer a ciência de Krishna.” — Cc. Madhya 8.128

No Hari-bhakti-vilasa, na seção em que Sri Sanatana Goswami trata do gopala-mantra, ele escreve (1.193): “Para a iniciação em mantras tântricos, até mesmo mulheres santas e Śūdras de mente pura são elegíveis. ‘Mente pura’ significa aqueles que são muito inteligentes, dedicados a servir aos duas vezes nascidos, etc.”

Mais adiante, ele indica que uma mulher pode ser guru. Em 1.210 encontramos:

svapnalabdhe striyā datte mālāmantra ca tryakṣare |

ekākṣare tathā mantra siddhādīn naiva śodhayet || iti ||

“Tampouco se deve determinar o siddha, etc., quando [o mantra] foi obtido em sonho, dado por uma mulher, quando é um mālā-mantra, ou quando possui uma ou três sílabas.”

Nota 4. Nesta seção do Hari-bhakti-vilasa, Srila Gopala Bhatta e Sanatana Goswamis apresentam o método geral para determinar se certos mantras são adequados ou não para determinadas pessoas, e explicam exceções, como no caso dos mantras de Krishna e outros. Contudo, esse método não é utilizado atualmente pelos Gaudiya Vaishnavas.

O termo striya datte (“dado por uma mulher”) indica que uma mulher pode ser uma guru de mantra. Isso era aceitável para Srila Sanatana Goswami.

Na mesma linha, Sri Jiva Goswami analisa tanto o guru qualificado quanto o não qualificado no Bhakti Sandarbha (Anuccheda 203-213), mas não faz nenhuma afirmação proibindo uma mulher de tornar-se guru.

Não há no próprio Bhagavata Purana nenhuma afirmação que proíba as mulheres de se tornarem gurus.

Contudo, temos a seguinte afirmação de Srila Prabhupada em seu significado ao Bhagavatam 4.12.32: “Suniti, no entanto, por ser uma mulher e, especificamente, sua mãe, não podia tornar-se a diksha-guru de Dhruva Maharaja.”

Os purva-pakshis — aqueles que se opõem ao argumento de que mulheres podem ser gurus — escolheram essa frase como seu maha-pramana, o argumento supremo contra mulheres gurus.

Esses devotos equiparam essa afirmação a Srila Prabhupada ter dito: “Portanto, nenhuma mulher pode tornar-se diksha-guru.” Mas isso não foi o que ele disse, embora tentem colocar essas palavras em sua boca. Sem uma afirmação direta como essa, não temos base suficiente para sustentar que nenhuma mulher, em qualquer época, possa oferecer diksha. Mulheres iniciaram e continuam iniciando, e o próprio Srila Prabhupada o afirmou. Portanto, esse pramana dos purva-pakshis fracassa.

Em uma conversa de 25 de agosto de 1981, Srila Bhakti Rakshak (B. R.) Sridhar Maharaja disse:

“(...) Portanto, as senhoras não devem ser excluídas de receber o benefício da consciência de Krishna, e elas também podem ter uma oportunidade. Mas se uma mulher deve ou não ser nomeada acharya, isso poderá surgir no futuro. Se uma mulher devota, pela facilidade de pregar entre as senhoras, for uma mulher acharya qualificada, se ela deve ser aceita ou não, isso pode tornar-se uma questão de controvérsia. Porém, penso que, para a pessoa sincera e reflexiva, onde quer que exista consciência de Krishna, existe pureza. E onde quer que exista o impulso sincero de pregar, deve existir sanção. Esse deveria ser o terreno justo. Aqui também, anteriormente, Jahnava Devi Thakurani e outras desempenharam esse tipo de função de acharya.”

Em outras palavras, Srila B. R. Sridhar Maharaja admite mulheres gurus.

Visvanatha Chakravarti Thakura explica que os brahmanas yajnic consideravam suas esposas, as Yajnapatnis, como suas gurus. Como brahmanas instruídos e retos fariam isso se não fosse aceitável?

Quando a palavra masculina “guru” é empregada, ela inclui uma guru feminina. Quando se descrevem as características de uma classe, a descrição é dada em um único gênero, mas aplica-se igualmente ao outro gênero. Esse é um princípio padrão da gramática sânscrita.

O Amarakośa refere-se à esposa de um ācārya como ācāryānī, enquanto uma ācārya feminina é chamada ācāryā. Da mesma forma, uma mulher que ensina uma parte do Veda é chamada upādhyāyā ou upādhyāyī. O dicionário sânscrito-inglês de Monier-Williams também registra a forma feminina para “mestra”. Temos ainda Rishika (uma vidente) e Rishi (um vidente).

Não existiriam palavras distintas no léxico e na gramática sânscritos se gurus femininas e Rishikas não tivessem existido no passado.

Mas o Bhagavad-gita 9.32 diz que as mulheres são de nascimento inferior. Certo?

mām hi pārtha vyapāśritya

ye ‘pi syuḥ pāpa-yonayaḥ

striyo vaiśyās tathā śūdrās

te ‘pi yānti parām gatim

Tradução de Srila Prabhupada: “Ó filho de Pritha, aqueles que se refugiam em Mim, embora sejam de nascimento inferior — mulheres, vaishyas [mercadores] e shudras [trabalhadores] — podem alcançar o destino supremo.”

Tradução de Srila Vishvanatha Chakravarti Thakura: “As mulheres, os vaishyas e os shudras, e até mesmo os párias, se se entregarem a Mim, alcançam a meta suprema.”

Na tradução de Srila Prabhupada, papa-yonayah (“de baixo nascimento”) é tomado como adjetivo que modifica mulheres, vaishyas e shudras. Srila Vishvanatha Chakravarti Thakura toma

papa-yonayah como substantivo, transformando-o numa quarta categoria. Sanscritistas me disseram que as duas leituras são possíveis, embora devamos considerar o contexto.

Papa-yonayah é um adjetivo ou um substantivo? Se for substantivo, cria uma quarta categoria: uma pessoa de baixo nascimento. Se for adjetivo, temos de perguntar: “Por que modificaria os vaishyas, que são dvijas por nascimento?” Sendo dvijas, eles frequentam o gurukula, aprendem os Vedas e podem realizar alguns yajnas. Portanto, não poderiam ser agrupados simplesmente como “aqueles de nascimento inferior”. E, seguindo esse raciocínio, nem shudras nem mulheres poderiam ser agrupados automaticamente nessa categoria.

Nota 5. Tradução de Bhanu Swami.

As mulheres sempre foram valorizadas. Por exemplo, em seu comentário ao Srimad Bhagavatam 10.86.20, Sanatana Goswami diz: “As mulheres são mencionadas por último [neste verso] para indicar sua posição especial.”

Incluí tanto shiksha-gurus quanto diksha-gurus neste livro porque, como Srila Prabhupada afirmou várias vezes, não há diferença no princípio espiritual entre elas. Em uma aula sobre O Néctar da Devoção, em Vrindavan, em 29 de outubro de 1972, Prabhupada explicou que Krishna está internamente como caitya-guru e, quando somos sérios, Ele Se manifesta como mestre espiritual externamente — como shiksha-guru e diksha-guru. Do mesmo modo, no significado de Chaitanya-charitamrita, Adi 1.47, afirma-se que não há diferença entre o abrigo concedido pelo Senhor Supremo e pelos mestres espirituais iniciador e instrutor; discriminar tolamente entre eles constitui uma ofensa no serviço devocional.

Quem desejar ler mais sobre o guru-tattva e a base filosófica para Vaishnavis servirem como diksha-gurus pode consultar:

- Guru, o princípio, não o corpo, de Madana Mohana dasa: <https://tinyurl.com/5e74a4j8>
- Srila Prabhupada queria mulheres diksha-gurus?, de Kaunteya dasa: <https://tinyurl.com/52n6hfby>

Utilizei muitas fontes. A seção sobre as mulheres do período védico baseia-se em palestras de Hridayananda Goswami, pesquisa na internet e no livro Mulheres Videntes no Rgveda, de Mau das Gupta. Quando tive acesso a material escrito, indiquei-o nas notas de rodapé. Outras informações foram obtidas por meio de entrevistas com Vaishnavis ou com seus seguidores.

Incluí também algumas Vaishnavis cuja vida devocional se destacou de maneira singular, embora não tenham oferecido, ou não ofereçam, diksha.

Agradeço aos muitos devotos que me apresentaram a outros devotos e também aos que forneceram informações.

Esta não é uma lista completa de todas as Rishikas ou Vaishnavis. Se você conhece alguma outra, ou possui alguma correção ao que foi apresentado aqui, escreva para que eu possa atualizar este documento. Hare Krsna.

Desejando servir a Sri Sacinandana, Nityananda Rama e Seus devotos, Pranada devi dasi 2026 Dia do aparecimento de Srimati Gangamata Goswamini Dia do desaparecimento de Srila Baladeva Vidyabhushana

Capítulo Um

As mulheres podem estudar os Vedas e receber o Gayatri

Evidências de mulheres gurus no período védico

Alguns afirmam que, antes de Srila Prabhupada conceder o Brahma Gayatri às suas discípulas, nenhuma mulher recebia o Brahma Gayatri porque as mulheres não eram qualificadas para estudar os Vedas nem para receber o mantra Gayatri. Dois textos antigos, o Yama-smriti e o Harita-smriti, bem como a própria existência de Rishikas nos antigos Vedas, indicam o contrário.

As citações seguintes vêm do livro Algumas Evidências sobre a Educação e a Função de Guru para Vaishnavis.

O Yama-smriti especifica o direito das mulheres de estudar os Vedas e receber o cordão sagrado:

purā-kalpe tu nārīṇāṃ mauñjī-bandhanam-iṣyate

adhyāpanam ca vedānāṃ sāvitrī vacanam tathā

“Antigamente, as mulheres eram iniciadas com o cordão de brahmana, ensinavam os Vedas e adquiriam conhecimento do Gayatri.”

Nota 6. Algumas Evidências sobre a Educação e a Função de Guru para Vaishnavis, de Bhaktarupa Das e Madhavananda Das, 2013: <https://tinyurl.com/537hp3fc>

O Vasishtha Smriti 21.7 mostra que as mulheres cantavam o mantra Gayatri:

*manasā bhartur-aticāre tri-rātram yāvakaṁ kṣīraudanaṁ vā
bhuñjānāghaḥ śayītor dhvaṁ tri-rātrādapsu nimagnāyāḥ
sāvītry-aṣṭa-śatena śīrobhirjuhuyāt-pūtā bhavatīti vijñāyate*

“Se uma mulher pensa mal de seu esposo, deve manter grãos de cevada durante três noites em água e oferecê-los junto com flores em sacrifício, cantando o Gayatri cento e oito vezes. Assim ela se purifica.”

O Harita-smṛiti — um dos Dharmasutras mais antigos, associado à escola Maitrayaniya do Yajurveda — fala de dois tipos de mulheres:

*dvividhāḥ striyaḥ. brahma-vādinyaḥ sadyo-vadhvaś ca. tatra
brahma-vādinīnām upanayanam agnīndhanam vedādhyayanam
sva-gr̥he-ca bhikṣācaryā iti. sadyo-vadhūnām tūpasthite vivāhe
kathāñcid-upanayana-mātram kṛtvā vivāhaḥ kāryaḥ (21.23)*

“Há dois tipos de mulheres: a brahmavadini, que não deseja casar-se, e a sadyo-vadhu, que deseja casar-se. Para a brahmavadini existe a previsão de receber o cordão sagrado, realizar o sacrifício de fogo, estudar os Vedas e mendigar esmolas em sua própria casa. A sadyovadhu, por ocasião do casamento, deve apenas ser investida com o cordão sagrado e então casar-se.”

A época retratada no Ramayana é considerada o auge da Era Védica. No Valmiki Ramayana encontramos a seguinte evidência a respeito das mulheres:

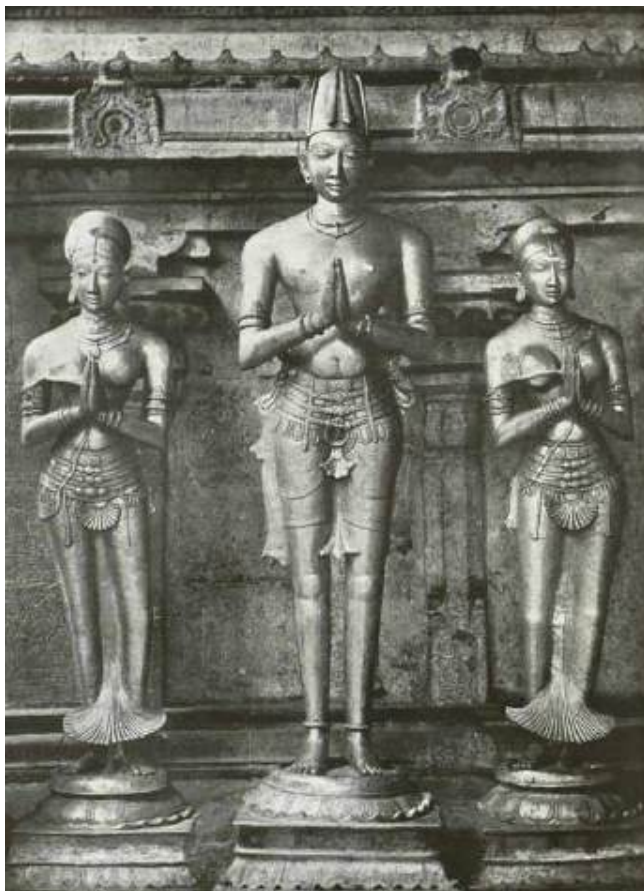
*sā kṣauma-vasanā hṛṣṭā nityam vrata-parāyaṇā
agnim juhōti sma tadā mantravat kṛta-maṅgalā (2.17.10)*

“E a alegre Kaushalya, vestida de fina seda e dedicada aos seus votos, ofereceu um sacrifício de fogo pronunciando mantras para tornar tudo auspicioso.”

[Fim das citações de “Algumas Evidências sobre a Educação e a Função de Guru para Vaishnavis”.]

Há estátuas de bronze do rei Krishnadevaraya e de suas consortes reais, Chinna Devi e Tirumala Devi, todas usando upavitas. Elas são exibidas de forma proeminente no templo de Tirupati. Há muitas

estátuas de reis e rainhas no sul da Índia usando upavitas — evidência de que mulheres recebiam o fio sagrado.



Estátuas de bronze do rei Krishnadevaraya e de suas consortes Chinna Devi e Tirumala Devi, usando upavitas. Imagem preservada da edição-fonte.

Ao longo da tradição védica e vedântica, algumas mulheres ocupam o centro das narrativas, com voz própria. Suas vozes contribuíram para a revelação; portanto, recordemo-las com respeito e gratidão.

Temos Gargi, que desafiou publicamente o grande Yajnavalkya. Maitreyi afastou-se da riqueza e do conforto porque desejava a imortalidade, e não uma herança. Temos Vak Ambhrini, que declara sua própria soberania divina em um hino.

Como veremos adiante, várias Rishikas compuseram hinos do Rig Veda e participaram do discurso filosófico em seu mais alto nível. Isso estabelece o precedente histórico de que mulheres, nos tempos

védicos, estudavam e aprendiam o conhecimento védico sagrado e recebiam diksha, upavita e o mantra Gayatri.

Nos Puranas, conhecemos a devoção vívida de Kunti, Draupadi, Devahuti e outras — mulheres cuja perspicácia e entrega não apenas fizeram parte da tradição, mas aprofundaram seu coração filosófico e seu pulso devocional. Elas são shiksha-gurus para todos os Vaishnavas.

Essas mulheres transitavam com fluidez entre o metafísico e o profundamente pessoal, entre o hino e o diálogo, a investigação e a oferta, a pergunta e a entrega. A realização espiritual nunca esteve confinada pelo gênero.

Mulheres no Bhagavatam receberam diksha e deram diksha

No Capítulo 53 do Décimo Canto, versos 42–49, Rukmini Devi recebeu de idosas esposas de brahmanas um mantra para adorar a deusa Bhavani, ou Durga. Essas mulheres também ensinaram e orientaram Rukmini no ritual de adoração.

O Srimad Bhagavatam 10.53.49 afirma que as mulheres brahmanas casadas realizaram a adoração com os mesmos artigos, oferecendo alimentos, noz de betel preparada, cordões sagrados, frutas e caldo de cana-de-açúcar.

Elas adoravam Durga oferecendo também cordões sagrados. O termo sânscrito para cordão sagrado é kantha-sutra, que literalmente significa um fio ao redor do pescoço.

Em seu comentário ao verso 45, Srila Jiva Goswami escreve: “As mulheres idosas também lhe ensinaram o mantra do verso seguinte. Elas próprias também haviam realizado o mantra.”

Assim, Rukmini foi iniciada em um mantra Vaishnava, pois a finalidade declarada do mantra era obter Krishna.

E as esposas dos brahmanas, por si mesmas e independentemente de seus esposos, realizaram todas as funções brahmínicas, incluindo instrução, adoração, bênçãos e, sim, iniciação na adoração da

consorte eterna do Senhor Krishna, Rukmini. Isso contradiz a noção de que, na cultura védica de Krishna, brahmanis — esposas de brahmanas — jamais ocuparam a posição de diksha-guru.

No Mukta-carita, Raghunatha dasa Goswami descreve a conversa do Senhor Krishna com Satyabhama em Dvaraka, quando Krishna lhe fala de Seu antigo passatempo das pérolas com as gopis em Vraja. Durante esse passatempo, as gopis procuram a iniciação de Nandimukhi, que é “discípula do siddha-mantra aos pés de lótus de Paurnameśi”. Esperando receber o mesmo siddha-mantra, as gopis se aproximam de Nandimukhi com seu pedido. Assim, Raghunatha dasa Goswami indica que a iniciação por mulheres era uma norma social aceita em Vraja.

Meditemos na afirmação de Krishna encontrada no Chaitanya-charitamrita, Adi 4.124:

rādhikāra prema—guru, āmi—śiṣya naṭa

sadā āmā nānā nṛtye nācāya udbhaṭa

“Minha guru é Radharani”, diz Krishna. “Nos assuntos amorosos, Minha guru é Radharani, de modo que Ela sempre Me faz dançar ao Seu compasso.”

Em algumas instituições Gaudiya, é proeminente a noção de que as mulheres são “menos inteligentes” e, portanto, estariam desqualificadas para ser gurus. Nem todas as mulheres são menos inteligentes. Quando Prabhupada descreve a psicologia feminina como “menos inteligente”, refere-se a uma propensão ao apego material e à absorção emocional, que pode dificultar alcançar o estado de não se perturbar pelas exigências do corpo.

Ele utilizou a mesma medida para criticar os homens modernos, observando que a maioria dos homens é “menos inteligente” porque não investiga a espiritualidade e prefere passar a vida absorvida em temas materiais.

No Brihad-devata (2.82), de Shaunaka Rishi, são enumerados os nomes de não menos que vinte e seis mulheres que contribuíram com hinos para os Vedas. Isso significa que compuseram, praticaram,

ensinaram e iniciaram outros nesses hinos, pois somente o criador de um hino, ou aqueles que vêm em sua sucessão discipular, podem iniciar outros. Muitos desses hinos ainda podem ser encontrados nos Vedas.

Isso demonstra também que, desde tempos antigos, mulheres estudavam os Vedas. A lista é a seguinte:

ghoṣā godhā viśvavārā apālopaniṣanniṣat

*brahma-jāyā juhūr-nāma agastyasya svasāditiḥ indrāṇī cendramātā
ca saramā romaśorvaśī*

lopāmudrā ca nadyaś-ca yamī nārī ca śaśvatī

śrīr-lākṣā sārparājñī vāk-śraddhā medhā ca dakṣiṇā

rātrī sūryā ca sāvitrī brahma-vāḍinya īritāḥ

“Ghosha, Godha, Vishvavara, Apala, Upanishat, Nishat, Brahmajaya (também conhecida como Juhu), Aditi, Indrani, Sarama, Romasha, Urvashi, Lopamudra, o rio Yami, o rio Nari e o rio Shashvati, Sri, Laksha, Sarparajni, Vak, Shraddha, Medha, Dakshina, Ratri e Surya — também conhecida como Savitri — são famosas como conhecedoras do Brahman e [como contribuidoras dos hinos védicos].”

Em resumo, a tradição védica reconheceu a capacidade espiritual das mulheres e lhes ofereceu caminhos para receber o conhecimento mais elevado e o mantra Gayatri.

Vejamos agora a continuidade da sabedoria feminina entretecida no próprio fundamento do pensamento védico. Ela sempre esteve ali.

Capítulo Dois

Rishikas: Videntes femininas na tradição vedântica

Gargi Vachaknavi

Gargi aparece no Brihadaranyaka Upanishad como uma filósofa upanishádica. Foi uma formidável brahmavadini e permaneceu celibatária por toda a vida. Durante um grande congresso filosófico (Brahma-yajna) convocado na corte do rei Janaka de Videha, manteve-se firme e sem medo para questionar o maior sábio de seu tempo, Yajnavalkya, sobre a natureza da realidade. Diz-se que o derrotou depois de ele ter derrotado todos os rishis homens da assembleia. Sua investigação sobre o que está por trás da existência é um dos momentos filosóficos mais audaciosos dos Upanishads.

Em seu Govinda Bhasya, Baladeva Vidyabhusana apresenta Gargi como exemplo do mais alto nível de aptidão para o conhecimento do Brahman, acima até de Yajnavalkya.

Nota 7. As informações sobre estas Rishikas provêm de uma aula de Hridayananda Goswami, de fontes da internet e de Mulheres Videntes do Rigveda, de Mau das Gupta.

Nota 8. David Buchta, “Gargi Vachaknavi como homem honorário: uma recepção do século XVIII de uma erudita upanishádica”, The Journal of Hindu Studies, 2010; 3:354-370.

Maitreyi

Maitreyi foi esposa de Yajnavalkya e uma brahmavadini de grande erudição. Também a encontramos no Brihadaranyaka Upanishad. Ela travou com seu esposo um diálogo profundo sobre a natureza do Ser (atman) e a imortalidade. Quando lhe foi oferecida riqueza material

após a retirada de Yajnavalkya, recusou-a categoricamente e fez a célebre pergunta: “O que farei com aquilo que não me torna imortal?” Seu diálogo permanece um texto fundamental da filosofia Vedanta.

A inclusão indiscutida de Gargi e Maitreyi no cânone Shruti confirma que mulheres, plenamente investidas com o cordão sagrado e versadas nas escrituras, eram reconhecidas como preceptoras supremas da verdade, capazes de instruir e julgar.

Vak Ambhrini

Vak Ambhrini é a Rishika do Rig Veda 10.125, conhecido como Devi Sukta ou Vak Sukta, considerado por alguns um dos hinos mais extraordinários de todo o corpus védico. No próprio hino, ela fala como Vak, a deusa da palavra, o princípio feminino divino. É uma mulher humana — uma Rishika — que recebe uma visão. Em outras palavras, Vak torna-se o veículo através do qual a deusa da palavra se revela. Não deveria surpreender que um dos hinos mais poderosos do Rig Veda seja pronunciado pela própria deusa da palavra.

A tradição bhakti compreende profundamente o que acontece aqui: quando as almas se tornam transparentes ao Divino, o Divino fala através delas. Vak Ambhrini oferece uma formulação antiga e poderosa da soberania feminina divina nos Vedas.

Sulabha

Encontramos Sulabha no Mahabharata, Shanti Parva, como uma renunciante itinerante que trava com o rei Janaka uma profunda troca filosófica sobre a identidade do eu, o desapego e a liberação.

Ghosha

Ghosha era conhecida por sua devoção e erudição e é autora do hino do Rig Veda 10.39–40 dirigido aos Ashvins. Suas orações refletem cura, restauração e o anseio por plenitude. Era filha do sábio Kakshivan.

Lopamudra

Lopamudra travou com seu esposo, o sábio Agastya, um diálogo que equilibrava o ascetismo e a vida familiar, afirmando o lugar sagrado do dharma relacional. O hino do Rig Veda 1.179 é atribuído a ela.

Apala Atreyi

Apala, filha do sábio Atreyi, compôs o hino do Rig Veda 8.91. Por sua devoção a Indra, foi curada de uma doença de pele.

Vishvavara

Vishvavara é mencionada nas listas de Rishikas do Rig Veda, embora haja pouca informação sobre ela. Pertence à linhagem de Atri e compôs hinos a Agni no Rig Veda 5.28.

Ratri

Está associada a um hino à deusa da noite no Rig Veda 10.127, profundamente poético, que invoca proteção, quietude e mistério.

Surya

É a noiva do famoso hino nupcial — Rig Veda 10.85, Vivaha Sukta — ainda recitado hoje; por isso, é uma presença feminina central em um dos rituais védicos mais duradouros.

Rishikas adicionais — atestadas, porém com menos detalhes

Romasha; Shashvati; Aditi; Sikata; Nivavari; Shraddha Kamya; Urvashi (hino dialogado, Rig Veda 10.95); Indrani (Rig Veda 10.86); Anasuya; Bharadvaji.

Capítulo Três

Da literatura épica e purânica

Srimati Kunti Devi

Bhagavata Purana. Suas orações expressam profunda entrega e uma compreensão penetrante do sofrimento, da graça e da dependência de Krishna. Ela é extremamente inteligente porque compreende que, quando calamidades lhe sobrevêm, elas lhe trazem o darshana de Krishna.

Srimati Devahuti Devi

Bhagavata Purana. Recebeu de Kapila ensinamentos complexos sobre consciência, matéria e liberação — uma voz importante na síntese inicial Sankhya-Vedanta. Era princesa, mas serviu a seu austero esposo com máxima humildade. Seu caráter é descrito como livre de desejo material, hipocrisia, cobiça, orgulho, negligência e ódio.

Srimati Draupadi Devi

Mahabharata. Draupadi personifica a entrega total de si mesma; seu chamado a Krishna torna-se uma das expressões vívidas mais poderosas da dependência de Sri Krishna.

Podemos ler no Mahabharata sobre as grandes qualidades de Draupadi e ver como administrou o reino de Yudhishthira Maharaja.

Foi ela quem formulou uma questão extremamente técnica sobre dharma quando foi arrastada por Duhshasana para a assembleia dos Kauravas. Ninguém conseguiu respondê-la, nem mesmo Bhishma. Sua pergunta foi: “Depois de perder a si mesmo no jogo, Yudhishthira

ainda tinha o direito de me apostar?” Uma pergunta assim não poderia ser formulada por alguém de inteligência mesquinha.

Quando Arjuna capturou Ashvathama, que havia matado os cinco filhos de Draupadi, e o levou diante dela como prisioneiro, Draupadi, embora profundamente aflita pelo cruel assassinato de seus cinco jovens filhos adormecidos, disse imediatamente a Arjuna: “Liberte-o! Ele é um brahmana e filho do seu guru.” Uma afirmação assim só pode vir de uma pessoa de mente muito equilibrada, sthita-prajna, e não de alguém dominado por inveja, ciúme, duplicidade e astúcia.

Srimati Gandhari Devi

Mahabharata. Gandhari Devi oferece reflexões agudas sobre o dharma, o destino e a cegueira moral após a guerra do Mahabharata.

Srimati VindyaVali

Bhagavata Purana. Possuía perspicácia teológica e devoção firme. Durante os passatempos do Senhor Vamanadeva, admoesta seu esposo quando ele hesita em cumprir sua oferenda ao Senhor, caracterizando essa hesitação como falta de inteligência apropriada.



Ao encerrar este capítulo, recordemos Ubhaya-bharati, esposa de Mandana Misra, um erudito mimamsa. Ela mediou o debate sobre shastra entre seu esposo e Shankaracharya. Srila Prabhupada a menciona no Chaitanya-charitamrita 2.9.244.

Ubhaya-bharati era renomada por sua erudição. Como mediadora do debate, precisava ser tão erudita quanto ambos os contendores. E era evidentemente de caráter elevado, pois tanto seu esposo quanto Shankaracharya confiaram nela para declarar o vencedor.

Depois que seu esposo perdeu o debate para Shankaracharya, ela desafiou o acharya para um debate sobre os Kama Shastras. Shankaracharya, porém, era brahmachari desde o nascimento e, portanto, não tinha experiência com o amor passionai. Pediu a

Ubhaya-bharati um mês de licença e, por seu poder místico, entrou no corpo de um rei que acabara de morrer.

Após obter essa experiência, quis discutir os princípios eróticos com Ubhaya-bharati; mas, sem ouvir sua exposição, ela o abençoou e assegurou a continuidade do Shringeri-matha. Depois, retirou-se da vida material.

Naturalmente, Shankaracharya não a teria aceitado como mediadora nem teria debatido com ela se a considerasse inferior a ele.

Capítulo Quatro

Vaishnavis na era de Mahaprabhu

Agora dissiparemos alguns mitos: (1) que Srimati Jahnava Thakurani é o único exemplo de uma diksha-guru feminina no vaishnavismo Gaudiya; o que, portanto, (2) tornaria esse seva extremamente raro para as Vaishnavis; (3) que somente uma Vaishnavi do calibre de Jahnava Thakurani — isto é, uma associada eternamente liberada de Sri Krishna ou de Mahaprabhu — poderia exercer o papel de diksha-guru; e, por fim, (4) que as Vaishnavis deveriam iniciar apenas mulheres.

Srimati Lakshahira

A prostituta convertida por Haridasa Thakura é conhecida como Lakshahira — também escrito Laksha-hira ou Hira Bai. Seu nome aparece em *The Gaudiya Treasures of Bengal*.

Como ouvimos no *Chaitanya-charitamrita*, originalmente ela foi enviada por Ramachandra Khan para seduzir e desacreditar Haridasa Thakura. Em vez disso, foi purificada pelo poder de seu canto e de sua associação. Depois de sua conversão, cantava trezentos mil santos nomes diariamente. Foi aceita como uma grande santa e, com o tempo, aceitou discípulos.

Srimati Sita Thakurani

Sita Thakurani foi esposa de Advaita Acarya. Segundo o *Prema-vilasa*, de Nityananda dasa, Sita Thakurani concedeu diksha — krishna-mantra — às suas duas servas, Nandini e Jangali. Os vaikuntha-svarupas de Nandini e Jangali são os conhecidos guardiões dos portões Jaya e Vijaya (*Gaura-ganoddеса-dipika* 89). O fato de Sita Thakurani ter sido guru delas, juntamente com outros dados

interessantes, é corroborado na conhecida e respeitada compilação Gaudiya-vaishnava abhidhana e no Sita-caritra, de Lokanatha dasa.

Srimatis Nandini Devi e Jangali Devi

Essas Vaishnavis também concederam diksha. Contudo, o Sri Nandini Math, em Jangali Tola, é a principal sede dos Vaishnavas Sakhibhava. Sua linha, portanto, é uma linha sahajiya. Não está claro se Nandini ou Jangali estabeleceram essas práticas, ou se elas foram introduzidas mais tarde em sua linhagem.

Srimati Narayani Devi

Narayani Devi foi mãe de Srila Vrindavan dasa e sobrinha de Srivasa Thakura, que lhe deu abrigo depois que seu esposo faleceu. Encontramo-la recebendo grandes bênçãos no Chaitanya-charitamrita, Adi 8.41: “Narayani come eternamente os remanescentes do alimento de Chaitanya Mahaprabhu. Srila Vrindavan dasa Thakura nasceu de seu ventre.”

Há algumas evidências de que ela atuou como diksha-guru na parte final de sua vida e iniciou muitos discípulos na Bengala Ocidental. Mais pesquisa é necessária para confirmar esses detalhes.

Srimati Jahnava Thakurani

Jahnava Thakurani é a consorte de Nityananda Prabhu. Tornou-se uma das maiores líderes da segunda geração de nossa tradição. Virabhadra e Ramachandra, os filhos biológico e adotivo, respectivamente, de Nityananda Prabhu, estavam entre seus discípulos iniciados mais famosos.

No significado do Chaitanya-charitamrita, Adi-lila 11.8, Srila Prabhupada compartilha que Srila Bhaktisiddhanta Sarasvati Thakura escreve em seu Anubhasya que Virabhadra Goshani foi filho direto de Srila Nityananda Prabhu e discípulo de Jahnava Devi. Sua mãe biológica foi Vasudha. No Gaura-ganoddesha-dipika (67), ele é mencionado como uma encarnação de Kshirodakashayi Vishnu. Assim, Virabhadra Gosani não é diferente de Sri Krishna Chaitanya Mahaprabhu.

Em Chaitanya-charitamrita Adi 11.9, afirma-se que, embora Virabhadra Gosani fosse a Suprema Personalidade de Deus, apresentou-Se como um grande devoto; e, embora a Divindade Suprema seja transcendental a todos os mandamentos védicos, Ele seguiu estritamente os rituais védicos.

No verso Adi 11.9, as palavras são veda-dharma. Isso indica que Virabhadra Gosani seguiu as regras do sistema védico. Portanto, sua aceitação de diksha de Jahnava Thakurani deve ser reconhecida como parte do sistema védico. Em outras palavras, receber diksha de uma mulher não estava fora dos parâmetros védicos.

A esposa de Yadunandana Acarya, Laksmi, era uma senhora muito humilde e submissa. Tinha duas belas filhas chamadas Srimati e Narayani. Por disposição de Sri Ishvari — Jahnava Devi — essas duas jovens tornaram-se as afortunadas esposas de Virachandra Prabhu. No dia do casamento, Yadunandana recebeu iniciação de Virachandra, e Sri Jahnava aceitou felizmente Srimati e Narayani como suas discípulas (Bhakti-ratnakara, cap. 13).

Ela também é confirmada como diksha-guru tanto no Gaudiya-vaishnava abhidhana (pp. 1246-47) quanto no Prema-vilasa (15, 20), de Nityananda dasa.

O Bhakti Ratnakara, de Narahari Chakravarti Thakura, contém muitas informações sobre sua peregrinação a Vrindavan, seus encontros com importantes Goswamis, sua autoridade e liderança espirituais e a forma como foi recebida e honrada. O Narottama Vilasa, também de Narahari Chakravarti Thakura, descreve sua presença e contribuição no festival de Kheturi.

Para mais informações sobre Sri Jahnava Thakurani, veja o Bhakti Ratnakara, o Prema Vilasa e também “Women Saints in Gaudiya Vaishnavism”, de Jagadananda dasa: <https://www.harekrsna.de/woman-saints.htm>

Srimati Ishwari-Draupadi Devi

A primeira esposa de Srinivasa Acarya, Srimati Ishwari Thakurani, era profundamente devocional. Gauranga Priya, sua segunda esposa,

também possuía elevadas qualidades devocionais. Suas disposições doces e seus esforços na adoração das Deidades eram altamente louváveis. Adoravam o Senhor com grande sinceridade, sem interesse em karma ou jnana.

Muitas pessoas tornaram-se discípulas de Ishwari Devi. No Karnananda, Yadunandana Thakura descreve os discípulos de Sri Ishwari: Jaya Krishnacharya, Sri Jagadisacharya e Syama Vallabhacharya foram três grandes acharyas e discípulos de Sri Ishwari. As mulheres da família dos cunhados de Srinivasa eram extremamente devotadas a Sri Ishwari. Dedicavam-se continuamente ao bem da humanidade e cantavam o santo nome durante todo o dia e toda a noite. Não bebiam água antes de completar o canto de lakhs de hari-nama.

Entre elas, a mais velha era Sri Satyabhama Thakurani e a mais nova, Sri Chandramukhi. Elas permaneciam absortas em comentar os hinos que haviam aprendido de Sri Ishwari. Sri Rupa Goswami e Sridasa Goswami [Raghunatha dasa Goswami] apreciavam muito suas boas qualidades. Diariamente recitavam slokas do Shikshashtaka de Sri Chaitanya Mahaprabhu, do Chaitanya Kalpavrksha, Karpunya Panjika, Hari Kushumanjali, Vilasa Kushumanjali, Prema-bhajana-kandaksha e Catupushpanjali. Ao cantar esses versos, eram tomadas pelo êxtase e invocavam os nomes de Sri Radha-Govinda. Seus filhos, Radha Vinoda Chakravarti e Kishori Chakravarti, eram dedicados à mãe. Todos eles foram discípulos de Sri Ishwari.

Nota 9. As informações sobre Ishwari Devi e Gauranga Priya Devi provêm do Karnananda, de Yadunandana Thakura, discípulo de Hemalata Thakurani.

Srimati Gauranga Priya Devi

Gauranga Priya Devi foi a segunda esposa e discípula de Srinivasa Acharya (Gaudiya-vaishnava abhidhana, p. 1224). Proveniente de uma família brahmana Chakravarti, era filha de Raghunatha Chakravarti, residente de Gopalapura Ocidental. Iniciou vários discípulos, entre eles Gurucharana dasa, que escreveu, a pedido dela, um livro

chamado Premamrita, baseado no Prema-vilasa (Gaudiya-vaisnava abhidhana, p. 1203).

Srimati Hemalata Thakurani

Hemalata Thakurani foi a filha mais velha de Srinivasa Acharya e contemporânea de Jahnava Thakurani. Com as bênçãos de seu pai, Sri Hemalata tornou-se guia espiritual de muitos discípulos. Srinivasa também abençoou suas duas filhas seguintes, Sri Krishnapriya Thakurani e Danchana Latika.

Seu discípulo proeminente, Yadunandana, foi poeta e autor prolífico. Em seu conhecido livro Karnananda, escrito por ordem de Thakurani e dedicado principalmente à vida de Srinivasa Acharya, ele descreve como Hemalata Thakurani arrancou o kanthi-mala do pescoço de Rupa Kaviraja, indicando sua expulsão por pregar doutrinas sahajiya e desafiar a ortodoxia Gaudiya. Yadunandana registra esse incidente e outros exercícios de sua autoridade.

No capítulo 2 do Karnananda, são enumerados vários discípulos de Sri Hemalata: Sri Suvala Chandra Thakura e seu sobrinho Sri Gokula Chakravarti; Sri Radhavallava Thakura, da aldeia de Mandala; Sri Vallavadasa, da família Goswami; Yadunandana Vaidya dasa, da aldeia de Malihati; Kanurama Chakravarti e seus dois servos Darpanayana e Chandi; Ramacharana; Madhu Miswas; Radha Kanta Vaidya; Jagadisha Kaviraja e seu seguidor, irmão de Radhavallabh Kaviraja.

Yadunandana escreve: “Um dia, minha mestra espiritual, Sri Hemalata, revelou-me as glórias de Ramachandra.” E também: “Descreverei outro episódio que ouvi de minha guru, Sri Ishwari Hemalata.” (Karnananda, cap. 3.)

Srimatis Krishnapriya e Vishnupriya

Essas duas irmãs eram renunciantes e praticavam uma vida de intenso ascetismo e devoção, comparável à dos monges homens com quem conviviam. Filhas de Ganganarayan Chakravarti, discípulo principal de Narottama dasa, receberam do próprio Narottama a

instrução de aceitar iniciação de seu pai. Viveram por algum tempo em Radha Kunda, em Vraja.

Sua reputação era tal que a Govardhana-shila de Raghunatha dasa Goswami — que lhe havia sido entregue pessoalmente por Chaitanya Mahaprabhu — foi confiada aos cuidados delas por Mukunda, discípulo de Krishnadasa Kaviraja, que a recebera de Raghunatha. Isso, por si só, foi um ato extremamente heterodoxo, que provocou alguma discordância na comunidade conservadora.

Rupa Kaviraj criticou publicamente Srimati Krishnapriya Devi numa assembleia de Vaishnavas que ouviam uma leitura do Bhagavata. Todos os Vaishnavas presentes lhe ofereceram reverências, exceto Rupa Kaviraj, que perguntou como seria possível que ela, sendo mulher, estivesse ouvindo a leitura do Bhagavata. Ela respondeu: “É o movimento das línguas que dificulta ouvir a leitura, não a minha presença.”

Ambas as irmãs aceitaram discípulos.

Nota 10. “Women Saints in Gaudiya Vaishnavism”, de Jagadananda Das: <https://www.harekrsna.de/woman-saints.htm>

Nota 11. Um artigo de Swami B. G. Narasingha sobre o Ativadi Apa-sampradaya, citando Bhaktisiddhanta Sarasvati em The Harmonist (Vol. 18, No. 18, 1922), apresenta esta sequência biográfica de Rupa Kaviraja: recebeu diksha de Sri Krishna-charana Chakravarti; tornou-se orgulhoso de sua erudição; cometeu grave ofensa contra Srimati Krishnapriya Thakurani ao censurá-la publicamente por cantar nama enquanto ele recitava o Bhagavatam; mais tarde publicou manuscritos sahajiya atribuindo-os falsamente a Rupa Goswami. Por isso, Srimati Hemalata Thakurani arrancou seu kanthi-mala e o expulsou da comunidade Vaishnava. Vishvanatha Chakravarti Thakura refutou suas conclusões filosóficas em seu comentário Sarartha-darshini.

Srimati Sucharita Devi

Sucharita Devi era casada com Bhavaka Chakravarti, da aldeia de Borakuli, na Bengala Ocidental, que era uma personificação do amor devocional. Ela era inteligente e recebeu o favor de Sri Ishwari. Costumava cantar um lakh de japa diariamente e comentar regularmente os passatempos de Mahaprabhu.

Sri Rajavallava Chakravarti foi seu filho mais velho, um homem de elevadas qualidades e grande devoto de Srinivasa Acharya. Seus outros dois filhos, Sri Radhavinoda e Sri Kishanidasa, receberam mantra dela.

Nota 12. Karnananda, de Yadunandana Acarya.

Srimati Gangamata Goswamini

Gangamata Goswamini foi discípula de Haridasa Pandita Goswami, sevaite de Govindaji mencionado no Sri Chaitanya-charitamrita. Entre outros, o rei Mukundadeva de Jagannatha Puri e vários sevaites do Senhor Jagannatha receberam diksha dela.

Sua aceitação de discípulos é confirmada no Gaudiya-vaisnava abhidhana (pp. 1197-98) e pelo atual mahanta, Balarama dasa Goswami, no Gangamata Goswamini Matha, em Puri.

Seu nome original era Sachi. Era filha de um rico proprietário de terras de Puntia, em Orissa. Deixou seu lar para ir a Vrindavan, onde recebeu iniciação de Haridasa Goswami, do templo de Govinda. Por ordem de seu mestre espiritual, foi para Radha Kunda, onde viveu durante vários anos com sua irmã espiritual Lakshmipriya.

Mais tarde, seu mestre espiritual ordenou que ela se estabelecesse em Jagannatha Puri, aceitando kshetra-sannyasa. Instalou-se na casa de Sarvabhauma Bhattacharya. Quando chegou, ali se servia apenas uma shalagrama-shila chamada Radha-Damodara. Gradualmente, ela ampliou o serviço e instalou outras Deidades.

Sachi dava discursos sobre o Bhagavata Purana que atraíam grandes audiências. O rei de Orissa, Mukundadeva, teve um sonho com Jagannatha, que lhe disse para fazer uma doação de terras para o serviço da Deidade. Antes disso, Sachi havia mendigado para manter esse serviço. Perto da casa de Sarvabhauma existe um lago conhecido como Ganges Branco — Sveta Ganga — cuja água é utilizada no templo de Jagannatha, inclusive para o banho do Senhor.

Certa vez, na auspiciosa ocasião do banho de Mahavaruni — um raro alinhamento astrológico ocorrido no meio da noite — ela foi levada pelas correntes do Ganges até o interior dos portões do templo de

Jagannatha. Os guardas pensaram que fosse uma ladra e a prenderam. O rei Mukundadeva, porém, teve novamente um sonho com Jagannatha, que lhe ordenou libertá-la. Com o tempo, ele e muitos outros sevaites de Jagannatha receberam iniciação dela. Por ter sido banhada pelas águas do Ganges, que brotam dos pés do Senhor Jagannatha, Sachi passou a ser conhecida como Gangamata Goswamini.

Se Sri Jagannatha Deva, o Senhor do Universo, considerou apropriado que um rei em varnashrama recebesse diksha de uma Vaishnavi, ninguém pode contestar o princípio de que mulheres podem iniciar.

A casa de Sarvabhauma Bhattacharya é hoje mais conhecida como Math de Gangamata e constitui um dos principais centros de peregrinação do vaishnavismo Gaudiya em Puri. Vários siddha babajis foram iniciados em sua linha, que remonta a Gadadhara Pandita e utiliza o distintivo tilak no estilo nupur.

Nota 13. “Women Saints in Gaudiya Vaishnavism”, de Jagadananda Das: <https://www.harekrsna.de/woman-saints.htm>

Srimati Iccha Devi

(início a meados do século XVII)

Srimati Iccha Devi, mais tarde conhecida por seu nome de iniciação Shyama dasi, foi uma figura feminina de destaque na tradição vaishnava Gaudiya posterior aos Goswamis e esposa do santo Rasikananda (1590–c. 1652). Devota de Krishna por toda a vida, recebeu iniciação de Shyamananda Prabhu junto com seu esposo e recebeu uma autoridade religiosa excepcional, sendo nomeada sacerdotisa principal da sede de Gopiballavpur, na atual Odisha.

Ali supervisionou a adoração das Deidades, atendeu peregrinos e devotos e ajudou a estabelecer Gopiballavpur como um importante centro de pregação vaishnava Gaudiya. Seu papel proeminente ilustra as importantes posições de liderança que mulheres espiritualmente realizadas podiam ocupar dentro da linhagem Shyamananda–Rasikananda.

Capítulo Cinco

Linhas de transmissão Gaudiya

Seria um erro atribuir a elevada posição e reputação alcançadas por Vaishnavis nas linhagens vaishnavas Gaudiya ortodoxas à influência de doutrinas sahajiya e, com isso, descartar sua presença. Embora possa haver Vaishnavis em certas linhagens que são, ou foram, influenciadas pelo pensamento sahajiya, isso não se aplica a todas as linhagens, como veremos. Na realidade, mulheres vaishnavas Gaudiya ortodoxas permaneceram fiéis às crenças fundamentais da sampradaya de Mahaprabhu.

Aqui refutamos o mito de que indianos religiosos e conservadores não aceitariam o vaishnavismo Gaudiya caso houvesse Vaishnavis em nossa parivara. Essas Vaishnavis já foram aceitas nas linhagens Gaudiya durante centenas de anos. E os indianos aceitaram Rishikas, ascetas e gurus ao longo da história, inclusive na era moderna — como Amma, Anandamayi Ma, Chitralekha e muitas outras.

Vejamos as Vaishnavis nas diversas linhas de transmissão Gaudiya que brotam dos ramos da árvore do prema de Sri Chaitanya. As mulheres dessas linhagens são reconhecidas como diksha-gurus. Títulos como Goswamini, Mata ou Acarya são designações associadas a portadoras de linhagem, líderes de uma parivara e elos de sucessão. Em geral, shiksha-gurus não são contados nas listas numeradas das linhas formais de parampara. Em outras palavras, estar incluída numa linha significa que a pessoa concedeu mantra-diksha.

Diz-se que muitas dessas mulheres chefiaram templos, dirigiram ashramas, mantiveram discípulos e realizaram a transmissão de

mantras. Isso demonstra que a história Gaudiya contém autoridade guru Vaishnavi.

A citação a seguir é de Haridas Shastri (1918-2013), importante guru-erudito vaishnava Gaudiya, autor prolífico, pertencente à Gadadhara parivara. Ele ressaltava que a prática de Vaishnavis concederem diksha nessa linhagem era uma norma, não uma exceção. Não se observa influência sahajiya na Gadadhara parivara.

Haridas Shastri afirmou:

“Somente Sri Chaitanya concedeu às mulheres pleno status em tudo, seja na adoração do shalagrama, na adoração da Deidade, no canto ou na iniciação. Antes Dele, ninguém permitia que as mulheres fizessem essas coisas. No varnashrama, e até mesmo em outras sampradayas vaishnavas, as mulheres sempre foram consideradas inferiores aos homens. Mas Sri Chaitanya lhes concedeu direitos iguais no que diz respeito à devoção.

>

“Mahaprabhu tinha uma visão igualitária em relação às mulheres, porque todo ser humano tem o direito de adorar Bhagavan, e nisso não existe discriminação. Portanto, Ele concedeu às mulheres os mesmos direitos de adorar que aos homens. Ordenou que as mulheres não fossem discriminadas quando se trata do serviço a Bhagavan. (...)”

>

“Antigamente havia a tradição de que o mantra deveria ser recebido da mãe, e não do homem. A mãe é considerada superior ao pai. A mãe é considerada o primeiro guru da criança. Portanto, em nossa parampara vaishnava, a diksha era recebida da esposa (mãe), e não do esposo (pai). (...)”

Diksha-parampara de Srila Gadadhara Pandita

Linhagem de iniciação em mantra:

1. Gadadhara Pandit 2. Bhugarbha Goswami 3. Chaitanya Goswami
4. Bhimananda Goswami 5. Kashirama Goswami 6. Svarnamani Goswamini
7. Hemamani Goswamini 8. Kiranamani Goswamini 9.

Cintamani Goswamini 10. Durganath Goswami 11. Vinoda Bihari Goswami

Total: 7 homens, 4 mulheres.

Vesha-parampara de Srila Gadadhara Pandita

Linhagem de iniciação na ordem babaji:

1. Gadadhara Pandit 2. Nayananda Misra 3. Vallabha Misra 4. Srimati Thakurani 5. Madhusudana Goswami 6. Nityananda dasa Mahasaya 7. Ramakrsna dasa Mahasaya 8. Vinoda Bihari Goswami

Total: 7 homens, 1 mulher.



Na linha de Nityananda Prabhu que procede de Jahnava Devi, conhecida como a linhagem dos Baghnapara Goswamis — na qual Bhaktivinoda Thakura recebeu mantra-diksha — várias mulheres aparecem como gurus.

Linhagem de diksha de Srila Bhaktivinoda Thakura

1. (Nityananda Prabhu) Jahnava Devi 2. Ramacandra Goswami 3. Rajavallabha Goswami 4. Keshavacandra Goswami 5. Rudreshvara Goswami 6. Dayarama Goswami 7. Maheshvari Goswamini 8. Gunamanjari Goswamini 9. Ramamani Goswamini 10. Yajneshvara Goswami 11. Bipin-bihari Goswami 12. Bhaktivinoda Thakura 13. Lalita Prashad Thakura

Embora consideremos Jagannatha dasa Babaji como o guru predominante de Srila Bhaktivinoda Thakura, o Thakura sempre respeitou seu diksha-guru, Bipin Bihari Goswami, que era um erudito vaishnava. Em sua autobiografia, Bhaktivinoda afirma que Chaitanya Mahaprabhu lhe enviou Bipin Bihari; e, em seu Gita Mala, oferece orações a Ananga Manjari e a Vilasa Manjari — a identidade de Bipin Bihari Goswami no mundo espiritual. O Thakura criticou a corrupção, mas não invalidou a potência de sua linhagem nem das gurus Vaishnavis nela presentes.

A linhagem Baghnapura de Bhaktivinoda Thakura não é classificada como sahajiya. A controvérsia em torno dessa linha provém da concessão de siddha-pranali, que inclui o próprio guru identificar o lugar do discípulo na lila. Srila Bhaktisiddhanta Sarasvati Thakura rejeitou a ideia do siddha-pranali nos tempos modernos por considerar que o sistema havia sido mal utilizado sob influência do sahajiyismo, com pessoas recebendo uma identidade eterna sem estarem qualificadas.

Mesmo assim, Bhaktivinoda Thakura enumerou o siddha-pranali dos diksha-gurus de sua linha. Concedeu siddha-pranali a seu filho Lalita Prasad Thakura e descreveu os onze aspectos do siddha-pranali em seu livro Harinama Cintamani. Portanto, ele o recebeu e também o transmitiu.

É preciso ter cautela ao julgar as diksha-gurus Vaishnavis de nossa linha de diksha, pois recebemos o mantra através de Bhaktivinoda Thakura. Negar a presença histórica dessas Vaishnavis, ou afirmar que não eram autorizadas, equivale a negar a potência do mantra que chega por meio de Srila Bhaktivinoda Thakura.

Em resumo, rejeitar a diksha de Srila Bhaktivinoda Thakura numa linhagem genuína que inclui gurus Vaishnavis significaria que todas as ramificações posteriores — Gaudiya Math, ISKCON e outros grupos da parivara de Srila Bhaktivinoda Thakura — perderiam sua reivindicação de autenticidade. Lamentavelmente, alguns devotos parecem dispostos a aceitar essa consequência para vencer um debate sobre a impossibilidade de Vaishnavis serem diksha-gurus. Isso seria uma forma de autodestruição espiritual — e seria fatal.



Outra linhagem de diksha proveniente de Nityananda Prabhu

Apenas as diksha-gurus Vaishnavis desta linha são listadas abaixo, com sua posição cronológica na linhagem:

4 — Srimati Kadamba-mala Goswamini 5 — Srimati Navakumari Mata 6 — Sri Kalindi Mata 7 — Sri Annapurna Mata 8 — Sri Taramani Mata 9 — Srimati Kishori Mata 10 — Sri Sharada Sundari Mata 12 — Sri Gita Mata Goswamini

Fotos de Vaishnavas desta linhagem: <https://tinyurl.com/24e3zdps>

Outras linhagens vaishnavas Gaudiya

- Linhagem que desce de Jahnava Thakurani e Narayani Devi até Prana Gopal Goswami, respeitado acharya da sampradaya no início do século XX em Bengala: 2 homens, 9 mulheres.
- Linhagem que desce de Lokanatha Goswami e Narottama dasa Thakura até Siddha Sakhicharan dasa Babaji: 10 homens.
- Linhagem que desce de Advaita Acarya e seu filho Krishna Mishra até Nikunja Gopal Goswami, de Navadvipa: 6 homens, 6 mulheres.
- Linhagem que desce de Jahnava Thakurani e Dhananjaya Pandita até Kunjabihari dasa Babaji: 13 homens, 1 mulher.
- Linhagem que desce de Lokanatha Goswami e Narottama dasa Thakura até Jnanananda Chakravarti Thakura: 10 homens, 7 mulheres.
- Linhagem que desce de Jahnava Thakurani até Tinkadi Goswami: 14 homens.
- Linhagem que desce de Jahnava Thakurani até Bhaktivinoda Thakura: 8 homens, 4 mulheres.

Isso perfaz um total de 62 homens e 27 mulheres. Em outras palavras, nesses linajes Gaudiya, aproximadamente 30% são Vaishnavis. Isso nos dá uma ideia do padrão geral que pode ser encontrado ao longo das linhagens Gaudiya.

Quem desejar confirmar esses dados pode visitar as sedes dessas linhagens e examinar os registros de suas sucessões discipulares.

Alguns afirmam que as sete linhagens Gaudiya acima são apa-sampradayas por serem linhas hereditárias, embora não tenham

apresentado provas disso. Mesmo que todas fossem hereditárias, não se deve supor que não existam gurus genuínos nelas.

Srila Jiva Goswami descreve no Bhakti Sandarbha, Anuccheda 187:

prema tārātamyenaiva bhakta mahattārātamyam mukhyam

“A grandeza de um santo depende da quantidade de prema que possui.”

Sri Krishna é perfeitamente independente e pode empoderar uma mulher ou uma pessoa nascida em uma linhagem hereditária.

Capítulo Seis

Santas Vaishnavis na era moderna

Algumas Vaishnavis que incluo aqui ofereceram mantra-diksha, porém sem o Brahma Gayatri. Essas Vaishnavis, iniciadas por Srila Bhaktisiddhanta Sarasvati Thakura ou por Srila B. R. Sridhar Maharaja, ofereceram harinama e mantra-diksha. Elas encaminhavam seus discípulos a seus irmãos espirituais para receber o Brahma Gayatri.

No caso das discípulas de Srila A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada e de outros gurus que receberam harinama e mantra-diksha, elas podem oferecer tanto iniciação harinama quanto mantra-diksha aos seus discípulos.

Como mencionei anteriormente, incluí também algumas Vaishnavis que não ofereceram, ou não oferecem, harinama nem mantra-diksha, mas que possuem uma qualidade ou capacidade de pregação notável.

Srimati Pishima Goswamini

Segundo *Women Saints in Gaudiya Vaishnavism*, Chandrashashi Mukhopadhyay, mais tarde conhecida como Pishima Goswamini, é a única mulher mencionada no *Gaudiya Vaishnava Jivani*, de Haridasa dasa — mais precisamente, parece ser a única mulher à qual ali se dedica um relato biográfico próprio. Ela não é mencionada como alguém que concedesse diksha.

Sua história gira em torno das Deidades de Gaura-Nitai que hoje se encontram em Vrindavan, em Banakhandi, perto de Loi Bazaar.

Essas Deidades pertenciam a Murari Gupta, companheiro de infância do Senhor Chaitanya, cujo nome está gravado na base de uma das Deidades. Ao que parece, elas se perderam em algum momento e

mais tarde foram redescobertas em Siuri, no distrito de Birbhum, no noroeste de Bengala. Um monge itinerante de Orissa, Balarama dasa Babaji, ao passar por Siuri, teve um sonho no qual recebeu a instrução de assumir o serviço das Deidades.

Pouco depois, Chandrashashi, com vinte anos de idade, filha de um rico proprietário de terras do distrito de Nadia, foi a Siuri a negócios. Sentiu-se atraída pelas Deidades e, certa noite, Gaura-Nitai apareceram-lhe em forma de meninos pequenos, dizendo que estavam com muita fome e queriam que ela lhes desse khir. Como ela ainda não havia sido iniciada, Balarama dasa não estava disposto a oferecer às Deidades a comida preparada por ela; então Chandrashashi recebeu iniciação dele para poder atender ao pedido de Gaura-Nitai.

Alguns dias depois, quando estava prestes a deixar Siuri e retornar para casa, teve outro sonho no qual Gaura-Nitai lhe imploravam que não fosse embora — pois, se ela partisse, quem lhes daria coisas tão gostosas para comer? Como crianças, puxaram sua saia e chegaram a arrancar um pedaço do tecido. Chandrashashi despertou assustada e viu que sua roupa estava de fato rasgada. Foi procurar Balarama dasa, que encontrou o pedaço de tecido faltante nas mãos da Deidade de Gaura. A partir daquele dia, ela abandonou toda intenção de voltar para sua aldeia e decidiu permanecer servindo Gaura-Nitai.

Pouco depois, porém, começaram na vila especulações sobre a natureza de sua relação com Balarama dasa. Balarama dasa e Chandrashashi decidiram, novamente com base em instruções recebidas em sonho, levar Gaura-Nitai para viver em Vrindavan. Colocaram as Deidades num barco e fizeram a viagem de cerca de 1.600 quilômetros pelos rios Ganges e Yamuna até Vraja. Chandrashashi, que em Vraja ficou conhecida como Pishima — “tia” — conseguiu construir um novo templo em Banakhandi para as Deidades, que localmente passaram a ser conhecidas como o Gaura-Nitai de Pishima.

Segundo a tradição, um dia, enquanto preparava uma refeição para Gaura-Nitai, a quem tratava como seus próprios filhos, Pishima começou a menstruar, ficando ritualmente impura para o serviço às

Deidades. A interrupção a angustiou profundamente. Quando adormeceu, Gaura-Nitai vieram até ela e disseram que, assim como uma mãe comum não interrompe o cuidado com seus próprios filhos durante a menstruação, ela também não deveria interromper o serviço a Eles. Além disso, asseguraram-lhe que, daquele dia em diante, ela seria libertada desse incômodo. Ela se banhou e ofereceu a refeição às Deidades, e nunca mais experimentou o ciclo feminino.

Pishima Goswamini levou uma vida estrita, em conformidade com as regulações vaishnavas: banhava-se no Yamuna três vezes ao dia, cantava diariamente em seu mala e assim por diante. Contudo, seu verdadeiro foco era a adoração archana das Deidades. Mantinha uma conversa quase ininterrupta com Gaura-Nitai, que por vezes também apareciam a outras pessoas para pedir diferentes tipos de serviço.

Mais tarde, quando já era idosa e não banhava pessoalmente as Deidades nem realizava outros serviços, ainda conseguia saber se as coisas estavam sendo feitas da maneira desejada por meio dessa comunicação pessoal. Num relato, em certa manhã fria de inverno, o sucessor de Pishima, Gopishwar Goswami, banhou Gaura-Nitai com água fria. Ela percebeu o erro ao ver que as Deidades estavam com o nariz escorrendo. Para espanto de Gopishwar Goswami, passou um lenço nos narizes Deles para demonstrar que haviam ficado resfriados por causa de seu descuido.

Haridasa dasa relata que Gopishwar Goswami lhe contou pessoalmente que, quando Pishima Goswamini lhe pediu pela primeira vez que assumisse o serviço de Gaura-Nitai, ele reclamou que não sentia prazer em servir Deidades tão pequenas, pois não possuía o mesmo tipo de afeição parental que ela; seu sentimento era de amizade. Pishima então foi até as Deidades, puxou-lhes o queixo, e Elas cresceram até assumir a forma atual.

Srimati Sadhu Ma / Siddheshvari Devi

(falecida em 1944)

Sadhu Ma é o nome carinhoso de Siddheshvari Devi, uma rara e notável santa do vaishnavismo Gaudiya em Braj.

Seu pai foi Govinda Chandra Goswami, do distrito de Pabna — atual Bangladesh. Ela é descendente direta de Sri Advaita Acharya e nasceu durante o festival anual de Durga Puja. Seu pai, reconhecendo algo extraordinário nela, considerou-a uma encarnação de Yogamaya.

Desde a infância esteve imersa na devoção. Estudou shastra diretamente sob a orientação de seu pai, que a iniciou na tradição. Quando ele faleceu, ela aceitou sannyasa e vestiu o tradicional tecido açafão de um sannyasi.

Ainda jovem, empreendeu uma peregrinação por toda a Índia, visitando os principais lugares sagrados — sozinha, sem recursos, dependendo inteiramente de Krishna para sua proteção. Ao chegar a Tarapith, o templo do crematório de Bengala consagrado à deusa Tara, encontrou Bama Khepa, um lendário santo Shakta e avadhuta que vivia ali. Ele era conhecido por reconhecer almas de rara estatura espiritual. Também a reconheceu como uma encarnação de Yogamaya e lhe disse que fosse primeiro a Belur e depois a Vrindavan.

Quando Sadhu Ma chegou e se estabeleceu em Vrindavan, sua vida floresceu em pleno exercício de liderança espiritual. Construiu um grande ashram dedicado a Radha-Kunjakishori perto dos jardins do templo de Ranganathji.

Reuniu centenas de discípulos — punjabis, bengalis e cidadãos proeminentes — e sua influência estendeu-se amplamente. Construiu templos e ashramas em Belur, na Bengala Ocidental; Govardhan, em Braj; Bhubaneswar; e Chakratirtha, em Puri.

Fiel à tradição da família de Advaita Acharya, observava rigorosamente o Hari-bhakti-vilasa, incluindo sacrifícios de fogo védicos em todos os seus templos, exceto em Braj. Em Vrindavan, segundo se conta, teve uma visão de Srimati Radharani, que lhe disse que tais rituais externos eram desnecessários ali, na terra da devoção pura.

Sentia profundo amor pelas apresentações de rasa-lila, e seu amor por Mahaprabhu era tão intenso que, segundo se diz, desmaiou ao

ouvir um kirtan que descrevia a cerimônia de sannyasa de Sri Chaitanya.

Ela dava máxima importância ao serviço aos devotos. Todos que iam até ela a chamavam de Mãe. Relacionava-se com alguns dos santos mais heterodoxos de Braj, incluindo o famoso yogi excêntrico Gwariya Baba.

Nota 14. Braj ke bhakta, de O. B. L. Kapoor, ou Adi Keshava dasa, discípulo de Srila Bhaktisiddhanta Saraswati Thakura.

Srimati Ma Yashoda

(1882–1944)

Ma Yashoda recebeu iniciação de Balkrishna Goswami, do templo de Radha-raman. É especialmente conhecida como a diksha-guru de Ronald Nixon — Krishna Prem — o primeiro ocidental a penetrar profundamente no vaishnavismo Gaudiya como sannyasi vaishnava vivendo na Índia. Diz-se que ele foi o primeiro guru ocidental na Índia. Inspirou outros buscadores ocidentais e aceitou discípulos.

A história de Krishna Prem é fascinante e, por isso, recebe muita atenção. Mas devemos recordar a pessoa extraordinária a quem ele se entregou: Ma Yashoda. Os detalhes de sua devoção extática, de seu amor puro por Krishna e de suas visões místicas são cativantes e comoventes.

Krishna Prem foi à Índia como um jovem professor formado em Cambridge e encontrou em Yashoda Ma não apenas uma mestra, mas uma mãe divina no sentido vaishnava mais verdadeiro. Ela nasceu como Monika Devi numa família bengali por volta de 1882 e casou-se com um oficial britânico do ICS. Sua devoção era extraordinária e impregnada do humor de vatsalya, o amor parental por Krishna.

Quando Ronald Nixon encontrou Yashoda Ma pela primeira vez na Universidade de Lucknow, por volta de 1921, algo irrevogável mudou dentro dele. Ele a aceitou como sua guru, e ela o iniciou no vaishnavismo Gaudiya, dando-lhe o nome Krishna Prem. Em 1930, estabeleceram um pequeno ashrama na colina de Mirtola, no Himalaia de Kumaon, perto de Almora, Uttarakhand — lugar que se

tornaria lendário entre buscadores espirituais. O ashrama era dedicado a Sri Radha-Krishna, e guru e discípulo levavam uma vida de intensa austeridade, ritual devocional e sadhana.

Yashoda Ma dirigia o ashrama e realizava a adoração diária com uma precisão e um amor que visitantes ocidentais consideravam eletrizantes e sem precedentes.

Sua devoção era inteiramente prática e encarnada, não meramente filosófica, enraizada no seva diário à Deidade com flores, alimento e canto. Sri Aurobindo, que a conhecia por correspondência, descreveu-a como uma alma notável. Ela deixou este mundo em 1944, deixando Krishna Prem a manter sozinho a chama de Mirtola. Ele honrou sua memória continuando o rigoroso regime do ashrama até seu próprio falecimento, em 1965, sem jamais ter deixado a Índia depois de sua iniciação.

Yashoda Ma demonstra que a bhakti transcende nacionalidade, gênero e convenções sociais: uma viúva bengali vivendo numa encosta do Himalaia podia transmitir o sabor mais íntimo da consciência de Krishna a um inglês de formação universitária e, por meio dele, ao mundo ocidental.

Nota 15. Ver Journal of Vaishnava Studies, 30.2, primavera de 2022, para o artigo de Gerald T. Carney sobre Ma Yashoda.

Srimati Devi

Srimati Devi aspirava ao sakhya-rasa, como relata O. B. L. Kapoor — Adi-keshava dasa — em Braj ke bhakta.

Ela recebeu diksha de Krishnananda Swami, discípulo punjabi de Pran Gopal Goswami (falecido em 1955), descendente da família de Nityananda. Embora iniciado na tradição Gaudiya por um firme promotor do humor manjari de devoção, Krishnananda adorava Krishna em sakhya-rasa.

Embora seu guru desejasse que ele aceitasse discípulos e pregasse devoção a Krishna, Krishnananda Swami relutava porque queria evitar a companhia de mulheres. Durante anos mantivera o voto de jamais olhar para o rosto de uma mulher. Isso continuou até entrar

em contato com Srimati, uma viúva de onze anos de idade, inteiramente dedicada à adoração de sua Deidade de Krishna. Ela havia ouvido falar de Krishnananda Swami e se apegara à ideia de tornar-se sua discípula.

Finalmente, por insistência de alguns familiares dela, Krishnananda Swami escreveu num pedaço de papel o maha-mantra e algumas instruções sobre como adorar Krishna.

Srimati Devi ainda desejava ver seu guru e fez o voto de que, até vê-lo, não sairia à luz do dia. Levantava-se às quatro da manhã, banhava-se e depois permanecia dentro de casa, cantando os santos nomes até o pôr do sol. Manteve isso por três anos, mas ainda não teve oportunidade de ver seu guru. Por fim, abandonou toda comida e bebida. Depois de nove dias de jejum, numa visão, o Senhor Balarama disse a Krishnananda que ele poderia quebrar seu voto por causa dela.

Depois de alcançar essa abertura e receber contato pessoal com seu guru, Srimati Devi avançou rapidamente até a perfeição em sakhya-rasa. Começou a vestir-se como um rapaz; seu comportamento, sua linguagem e suas maneiras assumiram as características de um amigo gopa de Krishna, e as pessoas começaram a chamá-la de bhaiya — “irmão”. Progressivamente, absorveu-se por completo na consciência da presença de Krishna.

Sua saúde era frágil e ela não viveu muito depois disso. Um dia, quando seu guru veio visitá-la, colocou a cabeça dela em seu colo. Ela disse: “Amigo, vamos. Olhe, Balarama e Krishna estão chamando Seus amigos para virem.”

Tomado pela emoção, Krishnananda Swami respondeu: “Vá em frente, amigo. Eu o seguirei logo.” Tendo recebido essa permissão de seu guru, ela entrou no mundo eterno de Vraja.

Srimati Girija Devi

Girija Devi era esposa de um rico proprietário de terras de Jamira, no estado de Bihar, e estava acostumada a uma vida de grande luxo. Contudo, perdeu o interesse pela vida familiar quando seu filho mais

velho morreu aos dezoito anos, seguido pouco depois pela morte de seu segundo filho. Em sua dor, tornou-se indiferente a comida e bebida.

Seu esposo pediu orientação ao guru da família, que começou a ler o Bhagavata Purana para consolá-la. Ela passou a desenvolver interesse pela devoção a Krishna e, depois, o desejo de mudar-se para Vraja. Seu esposo finalmente lhe deu permissão para ir.

Em Vrindavan, Girija Devi alugou um quarto no bairro de Radha-ramana e logo começou a ter visões da Deidade Radha-raman. Srimati Radharani aparecia-lhe para reclamar de imperfeições no serviço — coisas que uma pessoa de fora não teria como saber. Em certas ocasiões, Radha-raman falava com ela tomando posse de um dos sacerdotes do templo e falando através dele.

Girija Devi fumava tabaco em hookah e mantinha outros hábitos de seus dias em Bihar, razão pela qual nem todos a viam com fé. Com o tempo, porém, acontecimentos inexplicáveis fizeram com que os sevaites de Radha-raman passassem a venerá-la.

Certa vez, Nilamani Goswami, seu senhorio, decidiu despejá-la para alugar a casa por um preço mais alto. No mesmo dia em que tomou a decisão, antes de conseguir executar o plano, voltou para sua própria casa e descobriu que nem ele nem nenhum de seus companheiros conseguia abrir a porta trancada, embora tivessem a chave. Outra vizinha, uma Vaishnavi, sugeriu que talvez ele tivesse ofendido Girija Devi e que, se ela desse permissão, a porta poderia abrir-se.

Nilamani foi ver Girija Devi e pediu que ela abrisse a porta. Para seu próprio espanto, ela conseguiu abrir a fechadura e a porta se abriu. Eles atribuíram o misterioso acontecimento à ação do próprio Radha-raman.

Srimati Urmila devi dasi

Urmila dasi foi discípula de Srila Bhaktisiddhanta Saraswati Thakura. Seu filho, Damodara dasa, era praticante de Ayurveda e discípulo de Bhakti Kushum Shraman Maharaja, um acharya do Yoga Pitha, em Mayapur.

Urmila dasi era uma sadhaka séria e dava excelentes aulas, que seu esposo — também discípulo de Srila Bhaktisiddhanta Saraswati Thakura — a incentivava a continuar. Tinha cerca de trezentos discípulos harinama em Odisha.

A população local de Odisha, muito tradicional e conservadora, não via problema em ela ocupar a posição de guru. Odisha teve várias mulheres gurus, entre elas Gangamata Goswamini, Nandini Devi e, segundo alguns, Madhavi Devi.

Urmila dasi enviava seus discípulos para receber mantra-diksha de um de seus irmãos espirituais sannyasis, pois ela própria não havia recebido mantra-diksha.

Srimati Vinode Vani devi dasi — Daisy Botwell

(1887-1981)

Os parágrafos seguintes se baseiam em excertos de um artigo do Journal of Vaishnava Studies citado na nota. As cartas entre Vinode Vani dasi e outros são uma das fontes, assim como escritos de membros do Gaudiya Math sobre ela.

Vinode Vani dasi dedicou sua vida, sua riqueza e sua energia ao desenvolvimento do Gaudiya Math em Londres. Foi reconhecida por figuras de destaque da Missão Gaudiya como uma mestra vaishnava profundamente comprometida e espiritualmente elevada.

Em 11 de maio de 1933, foi estabelecido um centro temporário do Gaudiya Math em Greyton Garden, Kensington, Londres, e sannyasis visitantes começaram a dar palestras regulares ali. Vinode Vani esteve entre os primeiros buscadores e intelectuais que assistiram a essas palestras e, segundo os relatos, ficou tão tocada pelas apresentações que decidiu dedicar a vida ao caminho da bhakti tal como apresentado pela tradição Gaudiya.

Stella Harris também era presença regular nessas palestras. Mais tarde iniciada como Vishnupriya dasi, tornou-se membro dedicada da Missão Gaudiya e uma das companheiras mais próximas de Vinode Vani.

O Relatório Anual 1952-1953 do Corpo Diretivo da Missão Gaudiya menciona que Srimati Vishnupriya dasi se juntou a Vinode Vani em suas funções espirituais, atuou como colega capaz e ajudou a financiar a impressão e publicação das Escrituras.

Vinode Vani contribuiu de muitas maneiras para o desenvolvimento, manutenção e expansão do Vasudeva Gaudiya Math de Londres: cultivava convidados regulares, dava discursos sobre filosofia vaishnava Gaudiya, organizava festivais importantes e servia como secretária do Math. Talvez sua contribuição mais significativa tenha sido a generosidade de oferecer sua própria residência para uso do Vasudeva Gaudiya Math.

Primeiro foi uma casa alugada em 46 Christ Church Avenue, Brondesbury. Mais tarde, por volta de 11 de maio de 1961, ela passou a possuir uma casa suburbana em 27 Cranhurst Road, Cricklewood, e imediatamente ofereceu seu uso ao Math.

Nas novas instalações, Vinode Vani continuou recebendo convidados e celebrando festivais como Gaura-purnima, Sri Krishna-jayanti e Narasimha-caturdashi, relatando regularmente essas atividades aos líderes da Missão Gaudiya na Índia, que expressavam abertamente seu apreço.

Ao que parece, ela foi iniciada por A. B. Goswami, também conhecido como Bhakti Saranga Goswami, em abril de 1937. Embora se diga que foi iniciada por Srila Bhaktisiddhanta Saraswati Thakura, isso tem sido questionado, pois ele faleceu em 1936.

Vinode Vani permaneceu solteira durante toda a vida e demonstrou não apenas amplo interesse por filosofia e religião, mas também uma aptidão natural para compreender esses temas. A correspondência preservada mostra que discussões filosóficas eram um pilar de suas interações. Raghava Chaitanya chegou a descrever suas cartas, em 1960, como estimulantes, esclarecedoras e inspiradoras.

Ela oficiou a iniciação de Milan Ghosh e outros em nome de Bhakti Kevala Audulomi. Também iniciou Ram Dashi devi dasi, sua única discípula direta.

Nota 16. Ver Journal of Vaishnava Studies, 30.2, primavera de 2022, para o artigo de Ferdinando Sardella (Pranava dasa) sobre Vinode Vani. O artigo inclui excertos de cartas que ela escreveu a membros do Gaudiya Math, revelando sua natureza devota, inteligência filosófica aguçada e serviço à missão de Mahaprabhu.

Srimati Ram Dashi devi dasi

Em 1971, aos vinte e cinco anos, Ram Dashi devi dasi recebeu diksha de Vinode Vani em Londres. Ela é a única discípula direta de Vinode Vani devi dasi. Seus pais e sua avó foram discípulos de Srila Bhakti Keval Audulomi Goswami Maharaja.

Nota 17. Informação fornecida por Nathan Hartley, Narada dasa, autor de The Hare Krishna's in Britain.

Srimati Maitri devi dasi

Maitri devi foi discípula de Sadananda Swami, um discípulo alemão de Srila Bhaktisiddhanta Sarasvati Thakura. É possível conhecer sua discípula Kalakanthi dasi neste Free Radical Podcast: <https://www.youtube.com/watch?v=hr7ChP5IsHc>

Srimati Krishnamayi Didi

Krishnamayi dasi foi discípula de Srila Bhakti Rakshak (B. R.) Sridhar Maharaja. Mais tarde, a pedido de membros veteranos do Gaudiya Math, assumiu o papel de diksha-guru, e um sannyasi do Gaudiya Math compôs para ela um pranama-mantra.

Ela concedeu iniciação harinama a sete ou oito discípulos e os encaminhou a um irmão espiritual para receber o Brahma Gayatri. Pediram-lhe que oferecesse mantra-diksha, mas, como não a havia recebido de seu Gurudeva, não podia transmiti-la.

Entregou completamente sua vida a Srila B. R. Sridhara Maharaja. Todos os dias, depois do café da manhã, ia à área onde ele residia, cantava japa perto dele e partia à tarde, antes do anoitecer. Srila Sridhara Maharaja considerava-a uma shuddha-bhakta, uma devota pura do Senhor Krishna. Ele também escreveu um poema em sânscrito sobre ela, incluído em seu comentário ao Gita.

Na velhice, foi cuidada por Jahnava Didi, que aparece em fotografias empurrando sua cadeira de rodas. Era servida por mulheres e homens de acordo com suas capacidades e concedia iniciação àqueles que a procuravam.

Depois que Srila Sridhara Maharaja deixou este mundo, em 1988, Krishnamayi Didi estabeleceu um templo em Navadvipa, a poucos minutos a pé da principal estação ferroviária. Jahnava dasi foi com ela para cuidar dela. Gaura Krishna Prabhu — hoje Giri Maharaja — e Bhakti Nandana Swami Maharaja também se mudaram para lá.

Krishnamayi dasi passava seus dias cantando, sempre feliz e plenamente absorta. Era profundamente venerada pela comunidade local, incluindo muitos discípulos de Srila Bhaktisiddhanta Saraswati Thakura. Foi um exemplo resplandecente de Vaishnavi. Alguns devotos recordam ter visto sannyasis idosos oferecendo-lhe pranams.

Mais informações sobre sua vida:
<https://gosai.com/writings/the-life-example-of-srimati-krsnamayi-devi>

Nota	18.	Informações	também	disponíveis	em:
https://harikatha.org/other/kmdidi_eng.htm					

Srimati Jayasri Goswamini

Srimati Jayasri Goswamini é uma grande discípula de Srila Bhaktisiddhanta Saraswati Thakura e discípula de Patita-pavana Goswami Thakura, o discípulo mais jovem de Srila Bhaktisiddhanta Saraswati Thakura.

Desde 1994, é a acharya do Shree Guru Prapanna Ashram. Foi designada por seu mestre espiritual por meio de testamentos escritos e recebeu a responsabilidade de continuar a missão de seu Gurudeva de preservar e propagar a mensagem e os ensinamentos de Srila Rupa Goswami, Srila Raghunatha dasa Goswami e da linhagem de mestres espirituais em sua sucessão discipular.

Ela serve incansavelmente à propagação do canto congregacional e à glorificação do maha-mantra Hare Krishna por toda Bengala. Inicia homens e mulheres.

Oferece harinama-diksha e mantra-diksha a homens e mulheres. Encaminha seus discípulos homens a um irmão espiritual para receber o Brahma Gayatri.

Uma fotografia na edição original mostra sannyasis e brahmacharis participando de sua cerimônia de Vyasa-puja em 2019. Eles pertencem ao Gaudiya Vedanta Samiti, ao Sri Gopinath Gaudiya Math e ao Sri Chaitanya Gaudiya Math.

Mais informações:
<https://shreeguruprapannaashram.wordpress.com/>

Nota 19. Guru: The Principle, Not the Body, de Madana-mohana dasa, p. 40.

Srimati Shyamarani / Jadurani devi dasi

(1947-)

Jadurani devi dasi é discípula harinama e mantra-diksha de Srila A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada, que lhe deu o nome Jadurani devi dasi. Foi uma de suas primeiras discípulas ocidentais. É discípula shiksha de Srila Bhaktivedanta Narayana Maharaja, que lhe deu o nome carinhoso Shyamarani devi dasi.

Shyamarani dedicou sua vida à prática e à propagação da bhakti. Sob a orientação inicial de Srila Prabhupada, aprendeu a pintar obras de arte espirituais de Krishna e de Seus lilas, avatares e encarnações. Produziu mais de quatrocentas obras de arte de forte conteúdo espiritual, apreciadas por devotos em todo o mundo.

É autora de dois livros: The Art of Spiritual Life, um extenso livro de memórias, e Bhakti Art Illuminations, compêndio de sua obra artística.

Os organizadores do Bhakti Fest de 2018 concederam-lhe um prêmio humanitário espiritual por suas contribuições à arte devocional e aos ensinamentos filosóficos.

Em 2021, apresentou seu Bhakti Art Illuminations ao primeiro-ministro da Índia, Narendra Modi, e ao presidente Ram Nath Kovind. Modi ficou tão impressionado com sua obra que reproduziu parte do encontro em seu programa de rádio, Mann Ki

Baat, no qual elogiou seu papel na continuidade das tradições espirituais e culturais da Índia.

Ela é fundadora e líder de um museu e centro cultural de bhakti-yoga chamado Sacred Vedic Arts, no sul da Flórida. É muito erudita em shastra e dá palestras regularmente. Após ser encorajada por muitos Vaishnavas veteranos, oferece harinama-diksha e mantra-diksha a devotos homens e mulheres.

Mais informações sobre ela e seus projetos:
<https://sacredvedicarts.org/founders/>

Srimati Narayani devi dasi

(1948-)

Narayani devi dasi é discípula de Srila A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada. Estudou música na Northwestern University e ingressou na ISKCON em Boston em 1970.

Realizou muitos serviços para Srila Prabhupada, entre eles a adoração das Deidades no templo de Calcutá — Kolkata —, a distribuição itinerante de livros no oeste da Índia para o templo de Bombaim — Mumbai — e o ensino dos cursos Bhakti Shastri, Bhakti Vaibhava e Bhaktivedanta no VIHE, o Instituto de Vrindavan para Educação Superior, em Vrindavan.

Ajudou a elaborar o currículo do VTE para Bhakti Shastri e escreveu uma série de vinte livros, incluindo Srimad Bhagavata At a Glance, com uma imagem para cada verso do Bhagavatam, e Bhagavad-gita at a Glance, com uma imagem para cada verso do Gita. É membro do Comitê Consultivo Shástrico do GBC.

Depois de cumprir os requisitos institucionais da ISKCON para ser autorizada a conceder diksha, iniciou dois discípulos. Para continuar respondendo a outros pedidos de iniciação, aguarda que o GBC da ISKCON suspenda a moratória que se aplica a ela e a outros quanto à concessão de diksha.

Contato: <https://www.facebook.com/narayani.acbsp>

Entrevista com ela sobre seu guru-seva:
<https://www.youtube.com/watch?v=JnGUI4GubHw>

As não nomeadas

Existem algumas discípulas Vaishnavis de Srila Prabhupada que aceitam discípulos. Não podemos mencioná-las pelo nome por causa da atmosfera negativamente carregada dentro da ISKCON, criada por aqueles que se opõem a que Vaishnavis ofereçam esse seva.

Se os líderes da instituição deixarem de tentar legislar a relação de coração entre guru e shishya, a situação poderá ser resolvida. Ou, de outra forma, se Vaishnavis qualificadas simplesmente avançarem e assumirem as responsabilidades que lhes chegam por disposição divina do controlador independente, Sri Krishna, a situação também poderá chegar ao fim e o sistema transcendental será restaurado ao seu lugar apropriado.

Em todo o mundo, muitas discípulas e netas discipulares de Srila A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada e de outros acharyas vaishnavas Gaudiya oferecem considerável shiksha. Seria necessário um livro inteiro para reconhecê-las devidamente — e eu nem conheço todas! Mas podemos ao menos parar por um momento e nos inclinar diante de seu seva dedicado e desinteressado a milhares de pessoas ao redor do mundo.

Srimati Jahnava devi dasi

Jahnava devi dasi é casada com Ekachakra dasa. Foi iniciada por Srila Tamal Krishna Goswami.

A jornada devocional de Jahnava devi dasi começou em Pequim, em 1993, onde rapidamente se distinguiu por sua extraordinária dedicação à missão de Srila Prabhupada. Em 1994, já havia se tornado a distribuidora de livros de maior sucesso na China, distribuindo regularmente entre trinta e quarenta livros por dia. Encorajada por seu mestre espiritual, logo superou até mesmo esse padrão notável, tornando-se a primeira devota conhecida na China a distribuir mais de cem livros em um único dia.

Apesar de diversos desafios, continuou seu serviço juntando-se à equipe de tradução da BBT e depois dedicou vários anos à tradução dos livros de Srila Prabhupada para o chinês, antes de ser enviada a Taiwan para ajudar a estabelecer ali a consciência de Krishna.

Quando Jahnava chegou a Taiwan, em 1998, a yatra local ainda era muito pequena, apesar de décadas de esforços de pregação por devotos visitantes. Por meio de sua pregação, cultivo pessoal, capacidade organizacional e liderança, ajudou a transformar a situação. Desempenhou papel central no desenvolvimento dos devotos locais, na organização de programas sistemáticos de pregação e na criação de uma base estável para o crescimento da ISKCON.

Sob sua liderança, a ISKCON foi oficialmente registrada como organização religiosa sem fins lucrativos junto ao governo de Taiwan, em 2002.

Seu mestre espiritual expressou repetidamente apreço por seu serviço, nomeou-a secretária regional de Taiwan e incentivou os devotos a cooperar com sua liderança. Em poucos anos, ela ajudou a estabelecer uma comunidade local próspera.

Ao longo de mais de três décadas de serviço devocional, Jahnava combinou pregação, ensino, tradução e administração de maneira notável. Traduziu mais de quarenta volumes dos livros de Srila Prabhupada para o chinês, tornando a literatura vaishnava essencial acessível a milhares de leitores.

Seu serviço de tradução alcançou um marco quando conseguiu convencer uma importante editora acadêmica chinesa — a China Social Science Press, braço editorial de um think tank do governo da China continental — a publicar legalmente o Bhagavatam e o Bhagavad-gita em janeiro de 2014. No processo, obteve reconhecimento de estudiosos locais e apoio governamental, algo que poucos anos antes seria impensável.

Ela desenvolveu programas educacionais sistemáticos que apresentaram a consciência de Krishna a grande número de pessoas

em Taiwan e na China continental, conduzindo muitos da curiosidade inicial a uma prática devocional séria.

Seus esforços contribuíram não apenas para o crescimento das comunidades da ISKCON em Taiwan, mas também para o estabelecimento de numerosas formas de tornar a consciência de Krishna acessível na China continental. Aqueles que trabalharam com ela costumam atribuir seu sucesso à dedicação inabalável, ao profundo conhecimento da filosofia, à preocupação com o bem-estar espiritual dos outros e à capacidade de inspirar e capacitar novos devotos.

A pergunta colocada pela autora é direta: alguém que realizou todos esses serviços não possui qualificações para ser mestre espiritual iniciador?

Ekachakra dasa, natural de Paris, distribuía livros na China e apresentou Jahnava à consciência de Krishna. Ele revisa as traduções de Jahnava dos livros de Srila Prabhupada para o chinês. Atualmente ela trabalha nos Cantos Décimo Primeiro e Décimo Segundo. Ekachakra Prabhu também a auxilia em vários programas de divulgação, fala chinês fluentemente e dá palestras.

Um evento de divulgação com kirtan organizado por Jahnava dasi na China pode ser visto aqui:
<https://www.facebook.com/watch/?v=605328950686169>

Srimati Upasana Goswamini

(1977-)

Shrimati Upasana Goswamini vem de uma conhecida e respeitada família brahmana. Seu mestre espiritual é Prabhupad Madangopal Goswami. É casada com Premagopal Goswami, que é guru iniciador.

Ela oferece mantra-diksha a discípulos íntimos e a membros da família, tanto homens quanto mulheres.

Srimati Premadhara devi dasi

Premadhara dasi é discípula de Ananta dasa Babaji, reconhecido por sua extraordinária humildade, sua prolífica produção erudita — mais de cinquenta comentários sobre textos Gaudiya fundamentais — e sua profunda realização pessoal. Ele iniciou aproximadamente 3.500 discípulos e deixou um legado duradouro como santo de elevadíssimo calibre espiritual.

Ele pediu a Premadhara dasi que iniciasse mesmo enquanto ainda estava fisicamente presente. Embora a ISKCON tenha diferenças filosóficas com Vaishnavas Gaudiya de Radha-kund em alguns pontos, poucos questionam o amplo conhecimento do siddhanta e da tradição vaishnava Gaudiya que Ananta dasa Babaji possuía. A autora argumenta que ele, portanto, agiu em conformidade com esse conhecimento — e não contra ele — ao nomear Premadhara Devi como guru.

Ela prega, dá discursos shástricos, aconselha devotos e inicia discípulos homens e mulheres em hari-nama e mantra.

Nota 20. Guru: The Principle, Not the Body, de Madana-mohana dasa, pp. 41-42.

Srimati Chitralekha devi dasi

(1997-)

Chitralekha dasi foi iniciada no vaishnavismo Gaudiya quando tinha apenas quatro anos, sob a orientação de um santo bengali chamado Sri Girdhari Baba.

Aos seis anos, foi com seus pais a Barshana para participar de um programa de pregação de Ramesh Baba, estimado santo de Vraja. Ao final de seu hari-katha, Ramesh Baba entregou o microfone a Chitralekha e pediu que dissesse algo.

Ela falou com extraordinária desenvoltura por quase meia hora, deixando os presentes encantados. Ramesh Baba a abençoou e elogiou.

Ficou evidente que Chitralekha dasi tinha capacidade de pregar. Mais tarde, Ramesh Baba organizou sua primeira pregação em Tapovana, perto de Vrindavan. Seus pais e outros estavam

preocupados com a possibilidade de ela conseguir ministrar sete dias de Sri Bhagavat-katha e pediram a Ramesh Baba que organizasse um programa de apenas dois dias. Ele, porém, tinha plena fé em suas capacidades, e ela apresentou hari-katha durante sete dias.

Ela dá hari-katha sobre o Srimad Bhagavatam por toda a Índia e é uma excelente kirtaniya. Possui numerosos seguidores no mundo inteiro, incluindo Índia, Estados Unidos, Reino Unido, África e outros lugares. Alguns dizem que possui muitos discípulos, embora não esteja claro se isso significa discípulos por meio de diksha.

Instagram: <https://www.instagram.com/chitralekhaji/>

Srimati Uma Didi

(1933–2023)

Srimati Uma Didi foi uma santa vaishnava Gaudiya profundamente respeitada e mestra de bhakti-yoga. Discípula direta de Srila Bhaktivedanta Vamana Goswami Maharaja, dedicou sua vida à renúncia, ao guru-seva e à pregação da filosofia de Chaitanya Mahaprabhu em todo o mundo.

Nasceu na Bengala Ocidental em uma família abastada e era filha de um membro muito respeitado da sociedade. Casou-se jovem, mas ficou viúva pouco depois e buscou um significado espiritual mais elevado.

Viu Srila A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada e Srila Prajnana Keshava Maharaja em várias ocasiões quando ainda era jovem.

Em 1970, recebeu diksha de Sri Srimad Bhaktivedanta Vamana Goswami Maharaja. Em 1986, renunciou ao lar familiar e estabeleceu residência permanente no sagrado Sri Keshavji Gaudiya Matha, em Mathura.

Devido à sua profunda devoção e integridade, recebeu o raro privilégio de residir permanentemente no math, onde a comunidade a chamava carinhosamente de “Ma” — Mãe. Era conhecida por sua intensa guru-nistha, fé e dedicação inabaláveis ao guru, e por suas

rigorosas práticas espirituais, como jamais deixar seu japa-mala fora de vista.

Sob a instrução e o abrigo de seu shiksha-guru, Srila Bhaktivedanta Narayana Goswami Maharaja, viajou pelo mundo. Tornou-se amplamente conhecida por sua capacidade singular de simplificar complexas verdades filosóficas Gaudiya, tornando-as acessíveis a buscadores espirituais de diversas origens.

Devotos relatam que ela dormia muito pouco — talvez apenas algumas horas por dia — e permanecia acordada durante a noite cantando os santos nomes. Ofereceu shiksha a muitos. Muitos também lhe pediram diksha, mas ela manteve em confidencialidade a questão de se concedia ou não diksha.

Srimati Uma Didi faleceu pacificamente na manhã de 14 de fevereiro de 2023, plenamente consciente e cercada por sua comunidade, deixando um legado de amor incondicional e dedicação espiritual.

Memórias compartilhadas em sua homenagem:
<https://www.vineofdevotion.com/remembering-srimati-uma-didi/>

Srimati Bhakti Lalita devi dasi

(1970–)

Bhakti Lalita devi dasi é discípula de Srila B. S. Govinda Maharaja, que por sua vez é discípulo de Srila B. R. Sridhar Maharaja. Passou vinte anos servindo Govinda Maharaja no Sri Chaitanya Saraswat Math, em Navadvipa.

Ele reconheceu seu conhecimento e sua profunda renúncia e lhe concedeu o tecido açafraão. Ela oferece shiksha e dá palestras extensamente.

Podcast: <https://www.youtube.com/watch?v=hmNwjgIAjSQ>
Facebook: <https://www.facebook.com/BLalitaDD>

Srimati Charu Chandrika devi dasi

(1969–)

Charu Chandrika dasi é discípula de Srila Bhaktivedanta Narayana Maharaja. Vive como vanaprastha em Vrindavan desde 1998. Viajou com Maharaja em suas turnês mundiais durante muitos anos.

Em 2007, Narayana Maharaja disse-lhe que viajasse e pregasse pelo mundo. Ela assumiu essa instrução e oferece katha e orientação durante suas viagens anuais a muitos países.

Facebook: <https://www.facebook.com/caruchdasi>

Srimati Gaurachandrika devi dasi

Gaurachandrika dasi é casada com Chaitanya Chandra Charan Prabhu, um influente pregador e guru no Cazaquistão. Ela atua plenamente como guru-mata de centenas de devotos ali.

Cria cursos para mulheres sobre cuidados com o lar e com o esposo. Sua pregação combina papéis femininos conservadores com o pleno empoderamento de mulheres pregadoras.

Srimati Mallika-mala devi dasi

Mallika-mala devi dasi é discípula de Sua Graça Chaitanya Chandra Charan Prabhu. É uma pregadora e líder espiritual de renome internacional. Serve como GBC em várias regiões, incluindo Rússia e Cazaquistão.

Combinando profunda realização de bhakti com sua trajetória profissional como psicóloga, Mallika-mala Prabhu tornou-se uma voz de destaque na Pedagogia Humana. Atua como Diretora do Centro de Pedagogia Humana no Cazaquistão e Vice-Presidente do Centro Internacional de Pedagogia Humana, trabalhando em estreita colaboração com o educador Shalva Amonashvili. Suas contribuições nessa área lhe renderam o prestigiado título de “Cavaleiro da Pedagogia Humana”.

Em 2008, seguindo a visão de Bhakti Tirtha Swami, estabeleceu no Cazaquistão a primeira filial estrangeira do Instituto de Tecnologias Espirituais Aplicadas — IFAST. Por meio dessa plataforma, organizou numerosas iniciativas espirituais que tocaram a vida de milhares de pessoas, conduzindo muitas ao caminho da consciência de Krishna.

Uma pedra angular de sua missão de pregação é o Instituto Bhagavad-Gita Online, fundado em 2014. Sob sua orientação, mais de 27.000 estudantes foram apresentados aos ensinamentos eternos do Senhor Krishna tal como são apresentados por Srila A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada.

Mallika-mala Prabhu dirige regularmente festivais internacionais, retiros e yatras aos sagrados dharmas da Índia, nutrindo os corações de devotos das Américas, Europa e Comunidade dos Estados Independentes.

Além de sua liderança espiritual, é uma profissional distinta, detentora de cinco patentes internacionais em psiquiatria e patologia endócrina. É também autora de vários livros, incluindo *Windows into a Child's World*, *The Art of Relationships* e *Strong Yet Weak*.

Como pregadora, mentora de dignitários e amiga compassiva de muitos, dedicou sua vida a compartilhar o néctar da consciência de Krishna de uma forma ao mesmo tempo profundamente tradicional e acessível ao mundo moderno.

Um de seus projetos: <https://gitainstitute.org/>

Entrei em contato com outras duas Vaishnavis, não associadas à ISKCON, que oferecem diksha, mas que preferiram permanecer anônimas. Inclino-me diante delas e honro seu pedido.

A história deixou muitas Vaishnavis proeminentes desaparecerem de sua memória. É uma perda para nós não termos conseguido incluí-las, pois certamente contribuíram para a difusão dos ensinamentos de Mahaprabhu.

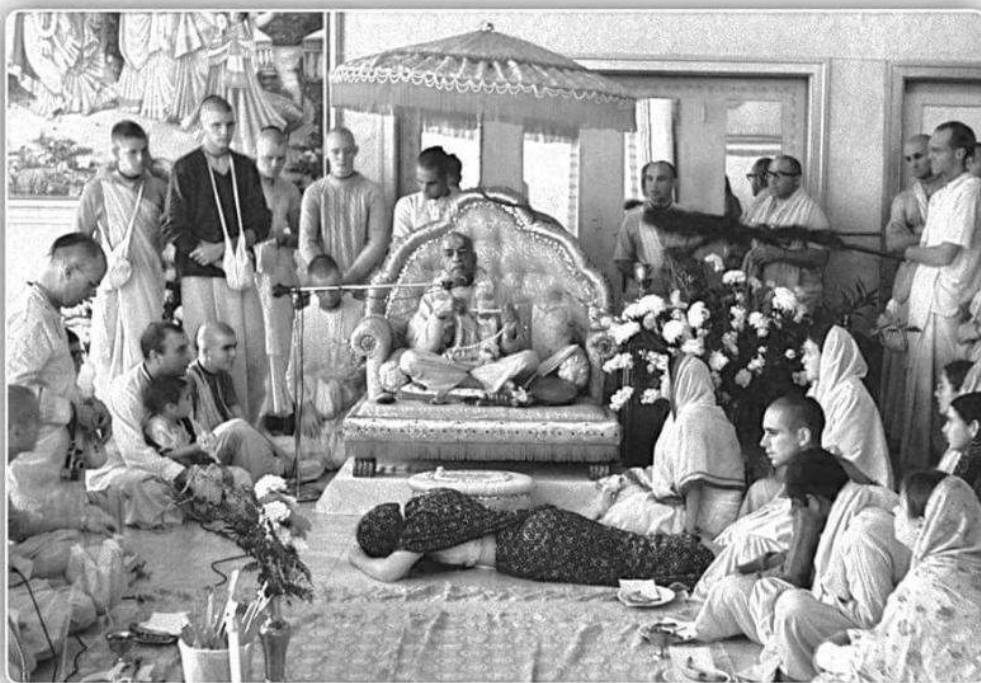
Nota da tradução em português

Esta edição em português foi traduzida a partir do arquivo em espanhol Rishikas & Vaishnavis: Mujeres como Gurus, compilado por Pranada devi dasi. A tradução procura conservar os nomes próprios, termos sânscritos, referências e a linha argumentativa do texto-base, ao mesmo tempo em que adapta a redação ao português brasileiro para maior fluidez de leitura.

Tradução para o português: Nubia Alves (Nitya Kishor dasi) 2026

Imagens preservadas da edição-fonte





As imagens acima são reproduzidas do PDF em espanhol fornecido para a tradução. A presente edição altera apenas a apresentação gráfica e o idioma do texto.